

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SILVIA LORENZONI PERIM SEABRA

INVESTIGAÇÃO DE ASPECTOS COGNITIVOS E MORAIS DO  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL POR MEIO DE UM CONTO DE  
FADAS: UM ESTUDO A PARTIR DO REFERENCIAL PIAGETIANO

Vitória

2015

SILVIA LORENZONI PERIM SEABRA

INVESTIGAÇÃO DE ASPECTOS COGNITIVOS E MORAIS DO  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL POR MEIO DE UM CONTO DE  
FADAS: UM ESTUDO A PARTIR DO REFERENCIAL PIAGETIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Claudia Broetto Rossetti.

UFES

Vitória, Julho de 2015



INVESTIGAÇÃO DE ASPECTOS COGNITIVOS E MORAIS DO  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL POR MEIO DE UM CONTO DE FADAS: UM  
ESTUDO A PARTIR DO REFERENCIAL PIAGETIANO

SILVIA LORENZONI PERIM SEABRA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da  
Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do  
título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 09 de julho de 2015, por:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Claudia Broetto Rossetti - Orientadora

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Maria Thereza Costa Coelho de Souza

Universidade de São Paulo - USP

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Heloisa Moulin de Alencar

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que possibilitou essa caminhada, que muitas vezes parecia tão desafiadora e longa, e que abençoou cada passo deste trajeto.

Aos meus avôs, Antenor Lorenção e Deolindo Perim, que sempre deram extremo valor aos estudos de seus filhos e assim transmitiram aos netos a importância da dedicação e do empenho como umas das formas mais viáveis de desenvolvimento para a vida.

A meus pais e familiares, que mesmo estando distantes geograficamente, sempre demonstraram orgulho e estimularam meu desenvolvimento profissional.

A Jourdan, meu companheiro, meu parceiro, meu querido e dedicado marido. Por me incentivar a ingressar nessa nova etapa de minha formação profissional, por me fazer por várias vezes enfrentar os obstáculos de frente, me encorajando a seguir, por abrir mão de estar comigo para que eu me dedicasse a este trabalho, compreendendo a importância dele na minha vida, por escutar todas as minhas dificuldades de percurso, procurando colaborar mesmo sem entender muito sobre o assunto. Por mostrar orgulho de mais essa conquista em minha vida. Sua dedicação e carinho foram fundamentais para que eu ultrapassasse todas as barreiras.

A minha orientadora Dra. Claudia Broetto Rossetti, primeiramente por ter me aceito como orientanda, por acolher sempre com tanta atenção todas as minhas demandas, por de fato cumprir o papel de orientar sempre que necessário e

oferecer apoio quando no percurso havia algum empecilho, por incentivar sempre a pesquisa por meio de constante encorajamento e injeção de ânimo, mas sem deixar de pontuar os riscos. Lembro-me que em uma de nossas primeiras orientações na Pós-graduação ouvi uma colocação sua que me intrigou: “Pesquisa é uma atividade de risco”. Depois de ter pensado um pouco sobre aquilo e ter tido minhas experiências com pesquisa percebi o quanto considerei bom ter podido participar dessa “atividade de risco” e colher tantos frutos bons no caminho. Claudia a você meu Obrigada!

A professora Dra. Maria Thereza Costa Coelho de Souza pela inspiração oriunda da leitura de seus belos e interessantes trabalhos científicos com contos de fadas, pelo acolhimento na visita à USP antes de minha qualificação e pela honra de tê-la como membro da banca no exame de qualificação e da defesa. Agradeço pelas valiosas sugestões, correções e pela forma delicada como faz suas intervenções.

A professora Dra. Heloisa Moulin de Alencar pelo zelo e educação constantes ao se dirigir a mim e a todos, pela sutileza com que coloca suas ideias, pelo amor ao trabalho que faz, pelo cuidado com que trata tudo que chega até ela e pela honra de tê-la na banca de minha qualificação e defesa.

Às crianças participantes desta pesquisa que com muita educação e interesse ofereceram contribuição imprescindível para o trabalho de pesquisa e para minha formação profissional. Como sempre elas ensinam muito.

A Celeida e Fernanda, respectivamente Diretora e Pedagoga da Escola na qual realizei minha coleta de dados pela extrema educação, paciência,

disponibilidade, dedicação e empenho na organização das crianças participantes, demonstrando interesse em contribuir para que o trabalho fosse realizado com cuidado, presteza e organização.

A todos do grupo de orientação e pesquisa: Claudia, Sirley, Giovanna, Daniela, Eduardo, Virgínia e Larissy por terem continuamente contribuído com ideias e sugestões, pela vibração conjunta do grupo quando algo corria bem, e pelo apoio e afeto ao longo dessa trajetória. Pelos bons momentos de conversa que amenizavam as ansiedades dos momentos mais difíceis. Com destaque para Daniela, colega e amiga com quem firmei muita parceria e que contribuiu muito com sua experiência acadêmica ao longo do mestrado. Saio colecionando viagem, bate papo, novas informações e conhecimentos, novos amigos, novas habilidades e novo olhar sobre pesquisa.

A Kelusa e Morgana, auxiliares de pesquisa, pela contribuição na coleta de dados e nas várias e longas transcrições das entrevistas das crianças.

A Monique Perin, minha prima querida, que mesmo em terras distantes (Eslováquia) se dispôs a revisar a parte do meu trabalho em língua inglesa.

Aos contos de fadas que me fizeram viajar a lugares distantes em minha infância e causaram todo tipo de sentimento em mim.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	10
ABSTRACT .....	12
1. INTRODUÇÃO .....	14
1.1 Constituição Histórica da Área de Desenvolvimento Humano .....	17
1.2 O Método de Pesquisa, a Perspectiva Piagetiana e os Contos de Fadas .....	21
1.3.1 Objetivo Geral .....	38
1.3.2 Objetivos Específicos .....	38
2. MÉTODO .....	39
2.1 Participantes .....	39
2.2 Instrumentos e Procedimento .....	39
2.3 Tratamento de dados.....	41
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	45
3.1 Desenvolvimento cognitivo e contos de fadas .....	45
3.2 Dimensões morais do desenvolvimento infantil e conto de fadas .....	59
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	72
5. REFERÊNCIAS.....	77
APÊNDICES .....	83
Apêndice A - Entrevista sobre compreensão do conto de fadas João e Maria. ....	83
Apêndice B – Transcrição conto de fadas João e Maria (versão para <i>tablet</i> usada na pesquisa).....	84



Apêndice C – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética.....	91
Apêndice D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a direção da Escola .....	94
Apêndice E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis legais.....	95
Apêndice F - Termo de assentimento para ser explicado às crianças .....	97
Apêndice Digital – Transcrição das entrevistas na íntegra .....	98

## TABELA DE QUADROS

Quadro 1 - Modos de reconstituição por meninos e meninas .....	47
Quadro 2 - Modos de reconstituição por idade .....	49
Quadro 3 – Trechos das respostas que demonstram alteração do enredo do conto por inclusão de elementos pessoais .....	51
Quadro 4 - Trechos das respostas que apresentam fantasia e imaginação .....	52
Quadro 5 - Trechos das respostas com imitação da voz e da entonação do personagem .....	53
Quadro 6 - Trechos das respostas com utilização de palavras que não identificam com clareza a que, ou a quem está se referindo .....	54
Quadro 7 - Trechos das respostas que apresentam alteração do enredo do conto por inclusão de elementos pessoais .....	56
Quadro 8 - Trechos das respostas que apresentam posicionamentos por parte das crianças e suposições das mesmas sobre o conto .....	57
Quadro 9 - Trechos das respostas que revelam a capacidade interpretativa, ultrapassando o concreto e oferecendo opiniões e sugestões .....	58
Quadro 10 - Classificação das dimensões morais por faixa etária.....	60
Quadro 11 - Trechos das respostas que apresentam justificativas pautada nas consequências da ação .....	633
Quadro 12 - Trechos das respostas que demonstram sugestões das crianças aos personagens do conto.....	64
Quadro 13 - Trechos das respostas que revelam a capacidade de interpretar nas entrelinhas e captar a intenção dos personagens do conto .....	655

Quadro 14 - Trechos das respostas que apresentam posicionamento dividido ao julgar as ações, considerando dois lados da situação vivida pelo personagem.....	
.....	66
Quadro 15 - Trechos das respostas que mostram a capacidade de oferecer sugestões aos personagens e se posicionais diante das situações .....	677
Quadro 16 - Classificação das dimensões morais por meninos e meninas .....	70
Quadro 17 - Intersecção das classificações moral e cognitiva.....	711

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem da versão multimídia do conto de fadas João e Maria.....40

SEABRA, S. L. P. (2015). **Investigação de aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil por meio de um conto de fadas: um estudo a partir do referencial piagetiano**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia – UFES, Vitória/ES

## RESUMO

Os estudos sobre o desenvolvimento infantil em seus aspectos cognitivos e morais revelam-se recorrentes nas pesquisas com crianças. A perspectiva da epistemologia genética de Jean Piaget pressupõe que haja uma evolução de tais aspectos ao longo da infância. Na investigação com crianças o conto de fadas mostra-se como uma ferramenta que desperta o interesse das mesmas, que se identificam e são capazes de se posicionar em relação ao conteúdo da história. Tal ferramenta caracteriza-se como maneira privilegiada de acessar as representações e explicações da realidade que crianças de diferentes idades possuem. A presente pesquisa teve como objetivo estudar aspectos do desenvolvimento cognitivo e moral de crianças por meio de um conto de fadas. Os participantes foram 24 meninos e meninas de 6, 7, 10 e 11 anos de idade que após terem acesso ao conto de fadas “João e Maria” em versão multimídia, foram solicitados a reconstituir o conto e responderam a uma entrevista baseada no método clínico piagetiano. A ideia de empregar o conto de fadas como uma ferramenta de estudo do desenvolvimento infantil mostrou-se bastante interessante e válida, uma vez que as respostas oferecidas pelas crianças expressaram bem seu modo de raciocínio, denotaram sua organização mental e as ideias que têm do mundo. Os resultados relacionados aos aspectos cognitivos apontaram que a maior parte das crianças reconstituiu o conto dentro do modo Concreto, e no aspecto do desenvolvimento

moral a maioria das crianças apresenta um posicionamento mais heterônomo ao julgar as ações dos personagens. Tais resultados reforçaram a ideia Piagetiana de evolução do desenvolvimento cognitivo e moral ao longo da infância, permitiram investigar a estruturação do pensamento e da linguagem das crianças das idades estudadas, e abrem possibilidade de ampliação das idades pesquisadas e detalhamento da parte do estudo referente ao aspecto moral.

**Palavras-chave: Conto de fadas; Teoria Piagetiana; Infância; Cognição; Moralidade.**

SEABRA, S. L. P. (2015). **Investigation of cognitive and moral aspects of child development through fairy tales: a study based on Piaget's framework.** Master's Degree thesis. Psychology Post-graduation program – UFES, Vitória/ES.

### **ABSTRACT**

Studies on child development in their cognitive and moral aspects are recurring in researches with children. Jean Piaget's perspective of genetic epistemology assumes that there is an evolution of such aspects during childhood. In the research with children, fairy tales show up as a tool that arouse their interest, with which they identify themselves and how they are able to position themselves in relation to the content of the tale. Such tool is characterized as a privileged way to access representations and explanations of the reality that children of different ages have. This research aimed to study aspects of cognitive and moral development of children through a fairy tale. The participants were 24 boys and girls aged 6/7 and 10/11 that, after having access to the fairy tale "Hansel and Gretel" in multimedia version, were asked to reconstruct the story and answered to an interview based on the Piaget clinical method. The idea of employing the fairy tale as a child development study tool proved to be very interesting and valid, since the answers given by the children expressed their way of thinking, denoted their mental organization and how they see the world. The results related to cognitive aspects pointed out that most children reconstructs the tale within the concrete way, and in the aspect of moral development most children presents a more heteronomous position to judge the actions of the characters. Such results reinforced the Piagetian idea of cognitive and moral development evolution throughout the childhood, enabled investigate the thought structure and language of children of the age groups

studied, and open possibility of expanding the ages researched and details of part of the study concerning the moral aspect.

**Key words: Fairy tales, Piaget's theory, Childhood, Cognition, Morality.**



## 1. INTRODUÇÃO

A sutileza com que os contos de fadas abordam a condição humana dentro de uma atmosfera de fantasia coloca-se como fator central na presente pesquisa sobre o desenvolvimento infantil. Estudos como os de Bettelheim (1980) apresentam a ludicidade dos contos de fadas, o que favoreceu o interesse da autora em utilizá-los nesta pesquisa com foco nos aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil.

De fato, para Bettelheim (1980) os contos de fadas põem a criança diante de dilemas morais, estimulam a reflexão sobre o significado dos acontecimentos, e fazem com que ela tenha contato com sentimentos diversos. Assim, o referido autor entende que “a sabedoria não irrompe integralmente desenvolvida (...) é construída por pequenos passos a partir do começo mais irracional” (p. 1), indicando conferir grande importância aos contos e narrativas na vida da criança.

De acordo com Tatar (2004), os livros de contos de fadas para as crianças são “uma maneira de atravessar a realidade, de sobreviver num mundo dominado por adultos” (p. 1). A autora afirma que os contos de fadas trabalham questões existenciais por meio das descobertas proporcionadas pela leitura dos mesmos. Assim, para a referida autora os contos se colocam tanto como uma forma de construir o mundo infantil da imaginação, como uma maneira de contribuir para construir a realidade do mundo adulto.

Para Coelho (1991) a segunda metade do século XVII marca o nascimento da literatura infantil no ocidente. Os contos consagrados em nossa

literatura atual têm origem em relatos orais maravilhosos guardados na memória do povo que foram explorados por alguns autores da época, com destaque para Charles Perrault, que pode ser considerado como criador do primeiro núcleo de literatura infantil ocidental. Ainda que se originem nesse período remoto os contos de fadas continuam presentes em nossa cultura, e tendem a ser encontrados mais comumente em versão escrita. Contudo, a presença maciça de novas tecnologias das mais diversas e de uma realidade cada vez mais digital direcionou o interesse da pesquisadora da presente pesquisa para a utilização de um conto de fadas em versão digital. Tais versões apresentam o conto de forma dinâmica, contendo som, imagem, movimento, e ainda algumas vezes possibilitando a interação da criança com o conto. Lévy (1993) introduz seu estudo sobre o pensamento na era da informática indicando que:

novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. (Lévy, 1993, p. 7)

Assim, as crianças atualmente tendem a interagir e ter familiaridade muito precocemente com contextos multimídia. As novas tecnologias surgem como uma criação e uma necessidade contemporânea dentro de uma cultura que é sobretudo visual, e por serem atraentes e dinâmicas, os sujeitos tendem a se relacionar e se interessar pelas mesmas (Cacciolari & Matsuda, 2010).

A versão digital do conto de Fadas João e Maria, ferramenta multimídia escolhida para a presente pesquisa possui uma característica dinâmica, que inclui a imagem em movimento e o som do conto veiculados por um artefato tecnológico.

Tais artefatos têm estado muito presentes no cotidiano da infância contemporânea, que está em constante interação com estes novos suportes tecnológicos (Cacciolari & Matsuda, 2010). Para Lévy (1993) o desenvolvimento das interfaces homem-máquina nos sistemas informatizados foi construído com o intuito de “humanizar a máquina”, tornando tais sistemas “mais amáveis e imbrincados ao sistema cognitivo humano” (p. 52). Assim, questionamentos e reflexões acerca do tema passaram a constituir e dar forma ao problema de pesquisa que ora se apresenta.

Da mesma maneira, fez-se necessário a escolha de uma teoria de referência para a presente pesquisa e a ideia de eleger a Epistemologia Genética se deu pelo destaque que esta tem em nosso meio em função das vastas investigações feitas por Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo e suas relações com o desenvolvimento afetivo e moral.

O intuito inicial de verificar a evolução do desenvolvimento cognitivo e afetivo de crianças de diferentes idades utilizando o conto de fadas em formato multimídia como instrumento foi se modificando e se construindo a partir da experiência do estudo piloto. Quanto ao desenvolvimento da afetividade, Souza (2012b) apresenta a posição de Piaget afirmando que a mesma exerce papel essencial no desenvolvimento psicológico infantil, tanto no sentido da construção dos conhecimentos da criança sobre si, quanto sobre o mundo. Assim, ao estudar o desenvolvimento infantil sob a perspectiva da Epistemologia Genética Piagetiana surgiram reflexões e refinamentos que apontaram que investigar os aspectos do desenvolvimento moral da criança incluiria indiretamente estudar também os aspectos cognitivos e afetivos, como indicado por Souza (2012b) na proposição de

que “o universo moral encontra-se na intersecção entre o universo intelectual e o afetivo” (p. 148).

Dessa maneira, o interesse pela investigação sobre desenvolvimento moral de crianças justifica-se pelo fato de que o mesmo ocupa lugar importante na constituição do sujeito. Piaget (1994/1924) e La Taille (2006) se debruçaram sobre o tema revelando que o estudo desta dimensão do desenvolvimento humano pode trazer contribuições a muitas áreas, por investigar, por exemplo, a ação moral nos jogos de regras, a moral na relação com a ética e o que há de universal no desenvolvimento moral dos sujeitos. No percurso de construção do problema de pesquisa, as leituras dos estudos de Souza (1990) foram muito inspiradoras, pois transmitiam a ideia de que usar os contos de fadas como instrumento de pesquisa com crianças era uma forma de entrar no universo das mesmas e criar uma aproximação com o mundo de fantasia próprio da infância, favorecendo o estudo do tema do desenvolvimento cognitivo e moral.

## **1.1 Constituição Histórica da Área de Desenvolvimento Humano**

Ao realizar uma retrospectiva sobre os estudos que influenciaram a área do desenvolvimento humano, verifica-se que as referências mais remotas podem ser encontradas nas ideias dos filósofos dos séculos XVII e XVIII, como J. Locke (1632-1704), J-J. Rousseau (1712-1778) e I. Kant (1724-1804) (Palácios, 2004). Suas ideias contribuíram para a constituição das teorias da psicologia do desenvolvimento no século XX, embora os primeiros autores que se ocuparam de questões evolutivas sob uma perspectiva propriamente psicológica datem apenas

da metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX (Aspesi, Dessen, e Chagas, 2005).

Conforme aponta Delval (1994), os estudos e as obras dos filósofos e cientistas sobre a infância, procurando encontrar respostas para os problemas como a origem do conhecimento, a formação dos conceitos e a origem da linguagem são responsáveis por alcançar sólidos progressos que refletem nas pesquisas da área de desenvolvimento nos dias atuais. Muitos são os estudiosos que se interessaram por pesquisar aspectos do desenvolvimento humano com foco na infância. De fato, desde o final do século XVIII e início do século XIX, pensadores alemães como o filósofo Dietrich Tiedmann (1748-1803) e o fisiologista William Preyer (1841-1897) - pioneiros das observações sistemáticas dessa fase da vida a publicar resultados de tais observações – vêm contribuindo para que as pesquisas com crianças ganhem importância e produzindo conhecimento científico (Delval, 2002).

Conforme destaca Palácios (2004), além de Tiedman e Preyer, outros autores realizaram observações pioneiras e descrição sistemática do desenvolvimento infantil a partir dos séculos XVII e XVIII. O referido autor cita o médico francês Heroad que observou o desenvolvimento de Luís XIII, os pedagogos Pestalozzi e Richter, o filósofo francês Taine e o naturalista britânico Charles Darwin, que com seus estudos “legitimaram e estimularam o trabalho de observar o comportamento infantil e depois publicar os resultados dessas observações” (p. 22).

Destaca-se também pela suas contribuições e publicações o francês A. Binet (1857-1911) que se empenhou em estudar e examinar o desenvolvimento intelectual infantil por meio de testes sendo considerado um pesquisador muito relevante no período em que a psicologia estava se desenhando como disciplina científica independente (Bock, Furtado & Teixeira, 2008).

Os estudos de psicologia evolutiva de J. M. Baldwin (1861-1932) tiveram destaque posteriormente nos trabalhos de J. Piaget (1896-1980). Baldwin trabalhou com afinco propondo conceitos e dialetizando as relações entre o herdado e o adquirido no desenvolvimento humano (Palácios, 2004). De fato, pode-se constatar que “a partir do trabalho de Baldwin são iniciados estudos em psicologia evolutiva ou genética concebidos como investigação dos comportamentos adultos” (Delval, 1994, p. 47).

Por fim, ainda que existam notáveis diferenças entre as ideias de S. Freud (1856-1939) e J. Piaget (1896-1980), estes contribuíram não só com pesquisas sobre o desenvolvimento psicológico, como também marcaram toda a cultura ocidental contemporânea. Assim, as ideias de ambos os autores apoiam uma sequência de mudanças evolutivas de natureza universal na espécie ao longo do desenvolvimento (Palácios, 2004).

A direção dos pressupostos teóricos em desenvolvimento humano foi se modificando ao longo dos anos,

portanto, as teorias da psicologia do desenvolvimento, até meados da segunda metade do século XX, propunham definir parâmetros ou padrões normativos que pudessem explicar o que, como e por que as mudanças ocorriam na infância e na

adolescência, além dos possíveis desvios que poderiam ocorrer nessa trajetória.  
(Aspesi et al., 2005, p. 20)

Os estudos na área de desenvolvimento propunham estabelecer estágios evolutivos, fazendo distinção em relação aos aspectos orgânicos, motores, cognitivos, afetivos, sexuais, verbais, sociais, históricos e culturais do desenvolvimento humano. Porém, em meados do século XX surge um novo paradigma nas ciências sociais e nas ciências naturais que continua sendo considerado como o paradigma para o século XXI. (Aspesi et al., 2005)

As novas ideias paradigmáticas, de acordo com Aspesi et al. (2005), propõem a unificação e integração dos contextos de desenvolvimento humano, já que as pesquisas anteriores haviam realizado uma excessiva especialização e conseqüente isolamento de cada área, o que não trazia contribuições para a compreensão dos fenômenos do desenvolvimento humano. Originou-se então o termo ciência do desenvolvimento humano ao longo das últimas décadas que “propõe princípios ou enunciados, visando estabelecer um acordo acerca do que é entendido como desenvolvimento” (Dessen & Guedea, 2005, p. 12).

Assim, conforme indicam Papalia e Feldman (2013) “o campo do desenvolvimento humano concentra-se no estudo científico dos processos sistemáticos de mudança e estabilidade que ocorrem nas pessoas” (p. 36), apontando para a importância de compreender os fenômenos de maneira dinâmica e em constante transformação.

## **1.2 O Método de Pesquisa, a Perspectiva Piagetiana e os Contos de Fadas**

Os testes estão entre os primeiros métodos a serem aplicados em pesquisas com crianças, e a proposta de tais instrumentos é propor perguntas padronizadas, classificando as respostas em alguma escala para realizar comparações entre as mesmas. Tal método padronizado apresentaria os inconvenientes de promover acesso a resultados brutos, pouco aproveitados pela teoria pela insuficiência de contexto, e arriscar ocasionar distorção na orientação que a criança seguiria para oferecer as respostas. (Piaget, 2005/1926)

O método a ser utilizado na pesquisa com crianças é uma preocupação para Piaget (2005/1926), pois o referido autor considera que a observação é parte bastante relevante para o pesquisador, visto que “toda pesquisa sobre o pensamento da criança deve partir da observação e a ela voltar para controlar as experiências que essa observação vier a inspirar” (p. 12) e por oferecer uma excelente fonte de documentação, pois demonstra os interesses e formas de pensar das crianças. Entretanto, para o autor citado existem sérias dificuldades na metodologia da observação pura, citando que: “o egocentrismo intelectual da criança constitui um sério obstáculo para quem deseja conhecer esta última mediante a observação pura, sem questionar de maneira alguma a criança observada” (p. 13). Assim, segundo Piaget (1975) o fenômeno do egocentrismo na criança reflete uma ausência de consciência de si e uma ausência de objetividade, faltando a ela condições, e até mesmo interesse, de comunicar espontaneamente todo o seu pensamento.



O outro obstáculo colocado por Piaget (2005/1926) seria a dificuldade de diferenciar, apenas por observação pura, quando a criança expressa uma crença verdadeira e quando se trata apenas de uma brincadeira ou fabulação.

Desse modo, Piaget (2005/1926) defende que é importante avançar em relação à metodologia de pesquisa com crianças, e propõe o método do exame clínico, que reúne a observação direta e os recursos dos testes, e se baseia no exame que os psiquiatras utilizam em seu diagnóstico. Segundo o referido autor a utilização de tal método implica em um extenso treinamento prático do mesmo, evitando sugestionar coisas à criança e ao mesmo tempo ter em mente a hipótese de trabalho.

Carraher (1998) indica que a ênfase do método clínico recai sobre o processo que leva o sujeito a oferecer uma ou outra resposta, e permite fazer contato com as reações provocadas pela conversa e acompanhar o percurso das respostas dadas pela criança, visando compreender seu raciocínio e a origem de suas ideias. Carraher (1998) aponta que “a metodologia piagetiana procura voltar-se para a situação psicológica do sujeito” (p.18).

Quando se trata de pesquisas experimentais com crianças o referencial teórico piagetiano é sempre lembrado, pois, como afirmam Montangero e Maurice-Naville (1998) sua produção é considerada a mais completa teoria psicogenética do desenvolvimento humano, estudando principalmente os aspectos cognitivos, mas também enfatizando os afetivos e morais, bem como tratando de todos os períodos do desenvolvimento humano, do berço à idade adulta.

Delval (2002) ressalta que além do método de observação, as provas padronizadas para o diagnóstico ou os testes também se popularizaram em muitos países. Entretanto, o interesse de Piaget pelo processo e não pelo resultado foi o marco para a introdução do método do exame clínico como ferramenta de pesquisa nesta área. Propor e validar novos instrumentos e ferramentas de estudo para realizar pesquisas com crianças é de grande relevância para a ciência do desenvolvimento humano, pois contribui para a compreensão dos processos psicológicos que ocorrem na infância.

Assim, entende-se que, o método clínico piagetiano promove a possibilidade de estudar tais processos psicológicos infantis, e na presente pesquisa tal interesse uniu-se ao de utilizar os contos de fadas como uma forma de acesso ao pensamento da criança.

Ao estudar os contos de fadas verificou-se que a permanência dos mesmos, que têm origem remota, em nossa vida moderna pode de alguma maneira ser justificada pelo sentimento de fascínio e sedução do homem pelas narrativas. Tal ideia sobre o vínculo mantido pelo homem com os contos foi relevante na escolha dos mesmos como instrumento nesta pesquisa. Para Coelho (1991) “a literatura é, sem dúvida, uma das expressões mais significativas dessa ânsia permanente de saber e de domínio sobre a vida, que caracteriza o homem de todas as épocas” (p. 10). A referida autora diferencia o conto maravilhoso do conto de fadas, pois muitas vezes os mesmos são identificados como sendo da mesma natureza. Entretanto, ainda que ambos pertençam ao mundo do maravilhoso, as duas formas são utilizadas para denominar uma série de narrativas da literatura infantil clássica sem muita distinção. Segundo Coelho (1991) ambos estão dentro do universo do

maravilhoso, mas o que marca a diferença entre o conto maravilhoso e o conto de fadas pode ser percebido em relação a problemática motriz de cada um.

O conto de fadas, que pode contar ou não com a presença do personagem *fada*, apresenta uma problemática existencial, seu enredo apresenta uma magia de fadas, com a presença de reis, fadas, objetos mágicos, bruxas, gênios, entre outros, em um tempo e espaço fora da realidade conhecida e há obstáculos que precisam ser vencidos pelo herói objetivando uma autorrealização existencial. De acordo com Coelho (1991) “os contos de fadas (...) são de origem celta e surgiram como poemas que revelavam amores estranhos, fatais, eternos” (p. 13) e eram relacionados com valores eternos do ser humano. Já os contos maravilhosos giram em torno de uma problemática social, não há a presença de fadas, mas sim de animais falantes, e ocorrem em tempo e espaço reconhecíveis. Estes têm origem oriental e dão ênfase a necessidades básicas, como fome e poder. Coelho (1991) elucida a origem das fadas afirmando que elas “tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, de grande beleza, que se apresentavam sob a forma de mulher” (p. 31). As fadas são dotadas de poderes sobrenaturais, auxiliando em situações de solução impossível, e podendo também se apresentar com uma conduta de maldade, em forma de bruxa. Ambas as formas, exerceram e continuam exercendo atração e fascínio sobre as crianças quando apresentadas por meio dos contos e despertando o interesse dos pesquisadores de diversas áreas.

Alguns escritores como Irmãos Grimm, Charles Perrault e Hans C. Andersen, dentre outros, interessados na cultura folclórica, reuniram histórias anônimas que foram sendo difundidas no ocidente europeu durante a Idade Média por meio da

transmissão oral, e registraram-nas por escrito, marcando “a gênese e a evolução da Literatura, das Ideias e dos Valores que, hoje, conhecemos como Tradição” (Coelho, 1985, p. 108).

Bettelheim (1980), tomando como base a psicanálise de Freud, se interessa em estudar os contos de fadas e compreende que o simbolismo presente nos mesmos contribui para o desenvolvimento psicológico da criança, no sentido de desencadear sentimentos e trabalhar desafios que surgem ao longo do seu desenvolvimento. Para o referido autor o conto trabalha com a imaginação infantil e contribui para a intermediação entre mundo externo e realidade da criança, que passa a se entender melhor e a ter cada vez mais condições de compreender o outro. Além disso, o conto tende a possibilitar que a criança desenvolva recursos interiores e organize suas emoções para melhor lidar com os problemas do mundo. O autor propõe também que o sentido que o conto tem para a criança pode ser diferenciado a cada vez que ela faz contato com o mesmo em sua vida.

A resistência ao tempo e a universalização dos contos podem ser melhor compreendidas considerando a exploração de questões fundamentais para a humanidade realizadas pelos mesmos. A presença da ambiguidade nos contos de fadas, apresentada nas atitudes dos personagens que revelam tanto aspectos considerados bons como maus em seu comportamento, interessou a Bennett (1995) que publicou uma coletânea de histórias, que ilustram virtudes, e que contribuem na compreensão de atributos essenciais à constante formação moral e ética do indivíduo. Percebe-se que suas escolhas levam em consideração a capacidade de transmissão de valores culturais, atemporais e universais, enfatizando a ideia de que a maioria das pessoas respeitam e reconhecem a

importância de alguns traços, ou virtudes, fundamentais do caráter. O referido autor aponta a literatura e a história como caminhos de educação moral, e propõe que as virtudes presentes nos contos contribuem para formar agentes morais.

Assim, os contos de fadas apresentam-se como uma ferramenta de pesquisa passível de ser utilizada para acessar as representações infantis, e conforme Piaget (2010/1964) tal capacidade de representar começa a ser desenvolvida nas crianças durante o estágio pré-operacional. Neste período a partir da capacidade para representar e com a linguagem socializada a criança passa a ter contato com o mundo social e o das representações interiores, estando apta a representar eventos internamente por meio do pensamento. Além disso, a fase citada apresenta como característica marcante o desenvolvimento da linguagem oral, a capacidade de representação simbólica, ou seja, de evocar uma situação ausente por meio de um significante, bem como a habilidade de socializar seus pensamentos, visto que a linguagem colabora no desenvolvimento do pensamento.

Piaget & Inhelder (1978) investigaram em detalhes o processo pelo qual as crianças buscam compreender o mundo ao redor e saber representá-lo por meio de significantes. O emprego da assimilação e da acomodação nos processos cognitivos permite a adaptação da criança ao meio; e a instituição coletiva da linguagem é fator principal e de formação e socialização das representações. Assim, reconhecendo por meio dos conceitos piagetianos os processos e fases características do desenvolvimento das crianças, pode-se explorar o campo de pesquisas com as mesmas acessando o percurso de seus pensamentos por meio da ferramenta contos de fadas.

A ideia de empregar o conto de fadas como uma ferramenta de estudo do desenvolvimento infantil mostra-se interessante e válida. Segundo Delval (2002) “as histórias permitem colocar o sujeito em uma situação hipotética e interrogá-lo sobre ela” (p. 92). Este autor entende que as respostas oferecidas pelas crianças expressam bem sua maneira de raciocínio, denotam sua organização mental e as ideias que têm do mundo. Utilizar tal ferramenta no campo científico com crianças de ambos os sexos possibilita dar continuidade aos trabalhos com contos de fadas que se confirmam como método lúdico e atrativo para as crianças.

Uma revisão ampla de literatura sobre pesquisas com crianças que utilizam como instrumentos os contos de fadas foi realizada nas bases de dados Bvs-psi, Pepsic, Scielo, Lilacs, Index psi teses e Periódicos Capes, combinando os descritores “contos de fadas” e: “Piaget”, “piagetiano”, “desenvolvimento cognitivo”, “desenvolvimento afetivo”, “desenvolvimento moral”, “desenvolvimento infantil”; “moralidade”, “multimídia”, “audiovisual”. Desta forma, foram selecionadas dez publicações relacionadas ao tema desta pesquisa de 1990 a 2013. Três delas empregam os contos de fadas, porém não adotam como base teórica em sua investigação os estudos de Piaget, e sete trabalhos relacionam os contos de fadas e a perspectiva Piagetiana.

Assim, estão relatadas a seguir três pesquisas publicadas nos últimos anos (2007, 2010, 2013), que utilizaram os contos de fadas, e embora as mesmas não tenham tido como base teórica a perspectiva Piagetiana, uma das três utilizou o conto de fadas no formato digital, tendo similaridade com a metodologia desta pesquisa na interação com as crianças. Todas as três pesquisas abordam algum

tipo de utilidade para o conto na investigação com crianças, e enfatizam a importância desse tipo de instrumento nas pesquisas realizadas e na vida infantil.

Rodrigues (2010) pesquisou crianças de três a quatro anos de idade em uma creche e teve como objetivos investigar se os contos de fadas contribuem para o uso dos elementos da narrativa pelas crianças e se o trabalho intencional com tais instrumentos favorece a construção das narrativas infantis. Os contos escolhidos foram: Chapeuzinho Vermelho, O Patinho Feio e A Branca de Neve. Foram utilizados como procedimentos e instrumentos a observação participante e o registro (escrito, gravações em áudio e fotografia). Os participantes realizaram as seguintes atividades: a. reconstrução oral individual dos contos, bem como a ilustração desta; b. reconto coletivo, também com posterior ilustração do mesmo, c. pesquisadora atuando como escriba na reconstrução dos contos, d. ordenação das cenas dos contos, uma a uma, colocando fichas (contendo as cenas) na lousa de maneira a dispor as sequências corretas dos mesmos. Os resultados da pesquisa constataram que o ato de ouvir boas histórias ajuda na construção de boas narrativas, assim como estimula a proliferação da leitura, no ambiente escolar.

Peçanha (2007) realizou sua pesquisa com doze crianças em situação de risco social de ambos os sexos de sete a quatorze anos, e analisou os efeitos da utilização de contos de fadas (Contos de Rãs; As Três Penas; A Bela e a Fera; Eros e Psique; A Pele de Urso; Os Seis Cisnes; e Ali Babá e os Quarenta Ladrões) em oficinas literárias, no contexto de uma avaliação-intervenção psicológica. Foram utilizados como instrumentos a Escala de Stress Infantil, a Escala de Empatia e o teste das Fábulas. Tais instrumentos foram aplicados em duas etapas, anterior (pré-teste) e posterior (pós-teste). Os dados foram tratados de forma qualitativa

(análise de conteúdo) e quantitativa (estatística descritiva), sendo que apenas os dados quantitativos serão apresentados a seguir. A análise quantitativa dos dados indicou uma diminuição nos escores totais de estresse em 85% das crianças, após a intervenção, e no pós-teste constatou-se o aumento dos escores de empatia no grupo estudado. Os resultados obtidos sugerem a eficácia da intervenção realizada, contribuindo para fundamentar cientificamente o desenvolvimento de oficinas literárias com crianças de rua.

O trabalho de Lanzi, Bortolin, Ferneda e Vidotti (2013) aborda o uso da voz e do *tablet* nas narrativas de histórias, fazendo uma reflexão sobre os denominados *nativos digitais*, em uma biblioteca com a história A menina do Narizinho Arrebitado de Monteiro Lobato. A atividade foi realizada com alunos na faixa etária entre um a nove anos de idade que participaram da hora do conto digital. A pesquisa indica que um dispositivo digital entusiasma as crianças, e é uma nova forma de interação com histórias contadas. O *tablet* apresenta recursos sedutores e fáceis de usar, e proporcionam à leitura níveis de dinamismo e interatividade bastante novos e interessantes. A investigação coloca foco na mediação literária, ou seja, nas ações praticadas pelos mediadores de leitura no sentido de aproximar os leitores da literatura. Os resultados mostram as possibilidades que o profissional da biblioteca escolar possui ao utilizar novas ferramentas para estimular o gosto em ouvir histórias e novas formas de compartilhá-las com os que frequentam este ambiente. Foi possível observar também na atividade realizada que o dispositivo digital entusiasma as crianças, sendo uma nova forma de interação com histórias contadas. Os *tablets* apresentam-se como recursos sedutores e fáceis de usar,



proporcionando à leitura níveis de dinamismo e interatividade até então impensáveis.

A revisão da literatura também indicou pesquisas que foram realizadas em nosso país recentemente e relacionaram em sua elaboração como instrumento os contos de fadas, histórias ou desenho animado e a perspectiva Piagetiana. Assim, três pesquisas relacionadas ao tema se destacam por utilizar histórias como instrumento para compreensão de gênese do desenvolvimento moral das crianças, desenho animado para verificar o julgamento das crianças sobre a punição e ilustrações de contos de fadas objetivando discutir os aspectos cognitivo e afetivo do desenvolvimento infantil.

La Taille (2004) publicou um artigo que relata dois estudos (1 e 2) com dois grupos de participantes de 6 a 9 anos de idade, sendo que cada grupo ouvia uma história que continha situações que envolviam injustiça e conduta não generosa e respondia a duas perguntas, sendo a primeira sobre se o personagem agiu certo e a segunda sobre como o personagem se sentiu ao agir daquela maneira. No Estudo 1, a proposta era verificar se as crianças atribuiriam sentimentos positivos ou negativos a uma personagem que não foi generosa, colocando como hipótese que as crianças menores não atribuiriam sentimento positivo a tal personagem. No Estudo 2, as situações também envolviam injustiça e conduta não generosa e as perguntas eram as mesmas do Estudo 1, e o objetivo era verificar se ocorreriam diferenças nas atribuições de sentimentos experimentados pelo agressor e pela personagem não generosa. Para este Estudo 2, colocou-se a hipótese de que os sujeitos de 6 anos atribuiriam sentimento positivo ao injusto, mas não à personagem não generosa, enquanto os sujeitos de 9 anos não atribuiriam

sentimento positivo em ambos os casos. Os resultados apontaram que a maioria dos participantes dos dois estudos condena tanto a falta de generosidade (História 1) quanto o ato injusto (História 2). A diferença significativa aparece quando da atribuição de sentimentos positivos ou negativos a ambos os protagonistas. Os dados da pesquisa possibilitam discutir e defender a ideia de que “a generosidade, por ser menos dependente de regras e imposições adultas, tem raízes mais profundas do que a justiça na consciência moral infantil” (La Taille, 2004, p. 9). Para o referido autor

“A diferença deve estar no fato de a generosidade, por ser menos relacionada às imposições das figuras de autoridade do que as regras de justiça, e mais a relações sociais simétricas despertadas pela simpatia, ser produto de uma construção mais autêntica porque, decorrente de relações de cooperação” (La Taille, 2004, p. 16).

Carramilo-Going e Tardelli (2003) realizaram uma pesquisa com crianças entre oito e onze anos de idade com o objetivo de verificar como as mesmas raciocinam sobre punições em desenhos animados, utilizando a perspectiva teórica de Jean Piaget. As crianças assistiram ao episódio “Uma soneca real” da série Tom e Jerry, e responderam individualmente a três questões abertas que investigavam: qual a opinião da criança sobre a punição dada pelo rei ao personagem Tom, qual a punição que a criança daria ao erro do personagem Tom, e a terceira era respondida após um momento de discussão entre as crianças para eleger a punição mais justa para o caso (assembleia de classe) considerando a segunda pergunta. Após a discussão entre todo o grupo, cada criança retornava para o questionário, escrevendo a punição que considerava mais justa. A seguir, a criança, também individualmente, representava graficamente a punição eleita, porém os

resultados desta parte não serão relatados aqui. As respostas das crianças foram classificadas em quatro categorias: I.Tortura e morte, II.Tortura, III.Prisão ou privação material. e IV. Sanções morais com consciência abstrata. A análise das respostas à primeira pergunta indica que a maioria das crianças concordou com a postura absolutista do monarca e optaram por punições expiatórias de morte, contrastando com as punições que levavam em consideração a intencionalidade do Tom em proteger o rei. Sendo que, não foi encontrada nenhuma atribuição de responsabilidade ou culpa das intromissões do Jerry. Nas respostas à segunda pergunta, ou seja, no julgamento pela própria criança, verificaram-se sanções muito mais severas, sendo que a maioria envolvia ações com tortura ou morte e prisão ou privação material, contrastando com apenas uma minoria em que se considerou a análise da situação, isto é, em que o personagem Tom foi visto como alguém que está sendo enganado e merece nova chance. Na última questão, em que as crianças tiveram oportunidade de ouvir as respostas dos demais colegas e depois discutirem e elegerem a mais justa constatou-se que a opção por punições coercitivas com apropriação do corpo aumenta de 59% na primeira enquete para 67% após a discussão em grupo (categorias 1 e 2) – terceira enquete - demonstrando que a maioria acredita que para se estabelecer a ordem a punição deve ser severa. Ainda que as crianças no grupo tenham idades diferentes, observou-se que a discussão não levou à descentração das respostas iniciais dos que optaram por julgamentos severos, pelo contrário, alguns que apresentaram juízos baseados na privação material alteraram suas respostas para opções expiatórias. As crianças que inicialmente optaram por consciência abstrata, permaneceram com o mesmo julgamento, na grande maioria.

Em sua dissertação de mestrado Garbarino (2012) trabalha com as crenças sobre a origem dos bebês em crianças de quatro a nove anos de idade, abordando o tema a partir da psicogênese Piagetiana e da psicanálise freudiana. Como procedimento a autora utilizou um questionário semiestruturado e seis pranchas com ilustrações de contos de fadas e personagens infantis, usadas como recurso provocador. As respostas dadas pelas crianças sobre as crenças foram analisadas levando em conta os aspectos cognitivos e afetivos postulados por Piaget para explicar a construção pré-operatória e operatória do conhecimento. Foram considerados conceitos como egocentrismo e descentração, os estágios do artificialismo e as consequências que o vínculo das crianças com seus pais trazem para a qualidade do conhecimento construído. A comparação das crenças mostrou, em linhas gerais, uma progressão: do concreto (dados perceptivos) ao abstrato, do subjetivo ao objetivo, do egocêntrico ao descentrado e coordenado, e do difuso ao mais preciso, discutindo a interação de aspectos cognitivos e afetivos no desenvolvimento infantil em geral.

Além dos trabalhos citados, nos últimos anos em nosso país verifica-se que Souza (1990, 2001, 2008, 2012a) tem realizado um conjunto extenso de pesquisas com crianças nas quais se emprega os contos de fadas como principal ferramenta. Sendo assim, foram encontrados, além da tese de doutorado, três artigos da autora citada.

O objetivo mais geral dos trabalhos realizados pela referida autora é estudar as relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico da criança, incluindo os contos de fadas e utilizando a perspectiva da epistemologia genética de Jean Piaget. De 1990 a 2012 podem ser destacados importantes

trabalhos de investigação de Souza em que os contos de fadas são empregados como parte do método de pesquisa.

Em 1990 o foco da investigação estava voltado para o modo como uma amostra de 30 crianças de ambos os sexos, de nove, 10 e 11 anos de idade, reconstrói o conto e lida com os efeitos (ressonância) de seu mundo interno sobre o conto e vice-versa. Souza (1990) empregou o método clínico piagetiano e entrevistou as crianças em quatro momentos, após submetê-las: à Prova de Rorschach; ao Children Aperception Test (CAT); às provas operatórias de Conservação de Peso e Volume; e ao conto de fadas Chapeuzinho vermelho, nas versões Perrault e Grimm. Na análise dos dados, a partir da reconstituição da história feita pelas crianças, foi proposta uma distinção de três níveis ou modos de reconstituição: I – Fantasiado, II – Concreto e III – Interpretativo, estabelecendo uma correspondência dos mesmos com os níveis de desenvolvimento do pensamento de Piaget, respectivamente, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. Os resultados revelaram uma correspondência entre o modo de reconstituição e o nível operatório das crianças, uma interação entre o aspecto afetivo destacado e o tipo de reconstituição, e diferenças no tipo de reconstituição de meninos e meninas. Souza (1990) em sua tese de doutorado apresenta o conto de fadas como uma ferramenta de pesquisa com crianças, e trabalha com a teoria psicogenética de desenvolvimento humano de Piaget, discutindo as interações e correspondências entre aspectos cognitivos e afetivos.

Assim, segundo a mesma autora

considerando a perspectiva psicogenética Piagetiana, os contos de fadas podem constituir-se em objetos de conhecimento oferecidos às crianças para pensar,

desencadeando nelas diferentes assimilações e acomodações, assim como regulações (no sentido de mecanismos de organização) tanto afetivas quanto cognitivas. Isto porque, ao ouvirem uma história de fadas, as crianças mobilizam aspectos de sua inteligência no sentido de compreender os seus elementos, bem como utilizam os sentimentos desencadeados pelo enredo para efetuar a reconstrução da história. (Souza, 2001, p. 3)

Em nova pesquisa realizada em 1995 (Souza, 2005), a autora deu continuidade, bem como complementou a anterior, ampliando os estudos dos modos de reconstituição dos contos de fadas para mais faixas etárias (sete e oito anos de idade) e confirmando que os modos de reconstituição do primeiro estudo permaneceram os mesmos, porém foi possível encontrar mais níveis de reconstituição intermediários entre eles, favorecendo resultados mais detalhados sobre o tipo de reconstituição.

Em 2001, Souza publicou um artigo articulando os principais resultados de duas pesquisas, sendo que na primeira delas trabalhou com a hipótese principal de que a reconstituição da história expressaria, simultaneamente, o desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças. Na segunda pesquisa, investigou a associação ou relação entre os aspectos do desenvolvimento do pensamento, segundo Piaget, e o modo como as crianças reestruturariam as histórias de fadas, para recontá-las. A metodologia das duas pesquisas foi diferente, sendo a primeira descrita no relato de sua tese de doutorado (Souza, 1990). Na segunda pesquisa, utilizou como instrumentos três contos dos Irmãos Grimm (1989): "Rapunzel", "O Lobo e os Sete Cabritinhos" e "As Três Penas", e as provas Piagetianas de Conservação de Peso, de Volume; Inclusão de Classes; e Seriação de Bastonetes. Esta segunda pesquisa

incluiu crianças de sete e oito anos de idade com o objetivo de avaliar se surgiriam novos modos de reconstituição do conto. Os resultados confirmaram sua proposta de classificação anterior: Fantasiada (reconstituição deformada), Concreta (apegada ao texto original) ou Interpretativa, possibilitando o aprimoramento do método de pesquisa com contos de fadas, detalhando e aprofundando os tipos de reconstituição, e assim estabelecendo uma nova classificação que verifica níveis intermediários além dos que já haviam sido categorizados nas pesquisas anteriores. Na análise de dados as principais comparações realizadas foram entre: idade da criança e nível cognitivo, idade e tipo de reconstituição da história de fadas, e nível cognitivo e tipo de reconstituição. Mais uma vez os resultados das pesquisas confirmam que investigações com representações de contos de fadas fornecem dados importantes sobre o desenvolvimento do pensamento e julgamento das crianças. Os resultados apresentam articulação com a expectativa teórica Piagetiana

de que as crianças utilizam elementos de suas capacidades cognitivas (configuradas em níveis de desenvolvimento) para reconstruir os objetos, nesse caso os textos dos contos, reestruturando-os de acordo com suas possibilidades assimilativas/acomodativas, ora deformando-os ao seu bel prazer, ora apegando-se excessivamente aos detalhes concretos do texto e do enredo, ou, finalmente, conservando os elementos essenciais e interpretando o texto, usando inferências. (Souza, 2001, p. 17)

Tais resultados sugerem novas pesquisas na área e demonstram a validade e a importância da utilização de contos de fadas como ferramenta de pesquisa.

Souza (2008) apresenta dados de uma pesquisa com crianças de cinco a 10 anos de idade sobre interpretações de dois contos de fadas dos Irmãos Grimm: “O lobo e os sete cabritinhos” e “Senhor lobo e senhora gata”. O estudo objetivou discutir os julgamentos das crianças sobre ações e sentimentos de personagens dos contos, baseados nos conceitos de valores, julgamentos e valorizações afetivas, de Piaget, que entende que os sentimentos evoluem com a idade. Uma entrevista clínica Piagetiana adaptada aos dois contos foi utilizada como metodologia, e os resultados indicaram diferenças entre as crianças mais velhas e as mais jovens da amostra. De modo geral, as perguntas das entrevistas se referiam ora à compreensão do conto propriamente dito, ora a julgamentos sobre ações e atitudes das personagens, ora a valorizações (afetivas) de aspectos destas e, finalmente, a aspectos ligados ao gênero das crianças. Tal pesquisa contribuiu para a discussão sobre o uso de contos de fadas em estudos sobre valorizações afetivas e julgamentos em crianças.

Souza (2012a) dá continuidade aos trabalhos com contos de fadas e se propõe a discutir as interpretações que as crianças de 4 a 11 anos de idade oferecem para contos populares, segundo a Epistemologia Genética. Tendo como base a teoria de Piaget (2005/1926), Souza estudou a concepção que as crianças têm da realidade e destaca o pensamento mágico-fenomenista, o qual interfere nas crenças infantis e na compreensão da mágica no âmbito das interpretações realizadas por crianças, especialmente as mais jovens. Verifica-se que crianças mais jovens admitem enredos mágicos e valorizam aspectos ficcionais, enquanto que crianças mais velhas não conferem realidade às situações mágicas,



valorizando aspectos reais, o que está relacionado ao seu desenvolvimento psicológico.

Os resultados encontrados nas pesquisas apresentadas anteriormente e as lacunas e novas perguntas que surgem a partir da referida revisão, justificam a realização da presente pesquisa, que visa expandir o estudo sobre a possibilidade da utilização dos contos de fadas como instrumento de investigação de aspectos do desenvolvimento cognitivo e moral das crianças na atualidade, visando responder ao seguinte problema de pesquisa: Como crianças, hoje, representam e julgam moralmente elementos de um conto de fadas clássico numa versão digital?

## **Objetivos**

### **1.3.1 *Objetivo Geral***

Estudar aspectos do desenvolvimento cognitivo e moral de crianças de 6/7 e 10/11 anos de idade por meio do conto de fadas “João e Maria” apresentado em contexto multimídia.

### **1.3.2 *Objetivos Específicos***

- I. Investigar o desenvolvimento cognitivo dos participantes utilizando os modos de reconstituição do conto propostos por Souza (1990).
- II. Avaliar o nível de desenvolvimento moral (anomia, heteronomia e autonomia) dos participantes a partir dos juízos sobre os personagens do conto.

## **2. MÉTODO**

### **2.1 Participantes**

A pesquisa foi realizada com 24 crianças distribuídas por faixa etária, 6/7 e 10/11 anos de idade, totalizando 12 crianças de 6 e 7 anos, sendo metade deste grupo de meninas e a outra metade composta por meninos, e 12 crianças de 10 e 11 anos de idade, sendo também composto de seis meninos e seis meninas, todos alunos de uma escola privada da Grande Vitória no Espírito Santo.

### **2.2 Instrumentos e Procedimento**

As crianças foram entrevistadas individualmente após a apresentação de uma versão multimídia do conto de fadas “João e Maria” em um *tablet* (Figura 1). Uma entrevista clínica (Apêndice A) adaptada ao conteúdo do conto de fadas (Apêndice B) com oito perguntas foi elaborada e aplicada. A primeira questão do roteiro de entrevista interrogava a criança para saber se houve compreensão do conto de fadas pela mesma. A pergunta seguinte solicitava que o participante reconstituísse o conto conforme se lembrasse, com o objetivo de avaliar aspectos do desenvolvimento cognitivo das crianças identificando os modos de reconstituição do conto (Souza, 1990). Inicialmente somente as duas primeiras perguntas seriam aproveitadas para a análise dos aspectos cognitivos, porém ao longo da análise de dados decidiu-se por utilizar também as respostas das crianças às outras seis perguntas que compuseram o roteiro da entrevista. Estas seis perguntas apresentavam-se estruturadas de modo a indagar o que o personagem fez, demandando assim ao participante que reconstituísse a ação do mesmo, caso ele não conseguisse reconstituir, o próprio entrevistador o fazia. Em seguida

questionava-se sobre o que ele achava da ação de cada um dos personagens no sentido de ter agido certo ou errado, e então solicitava-se que o participante justificasse sua resposta.

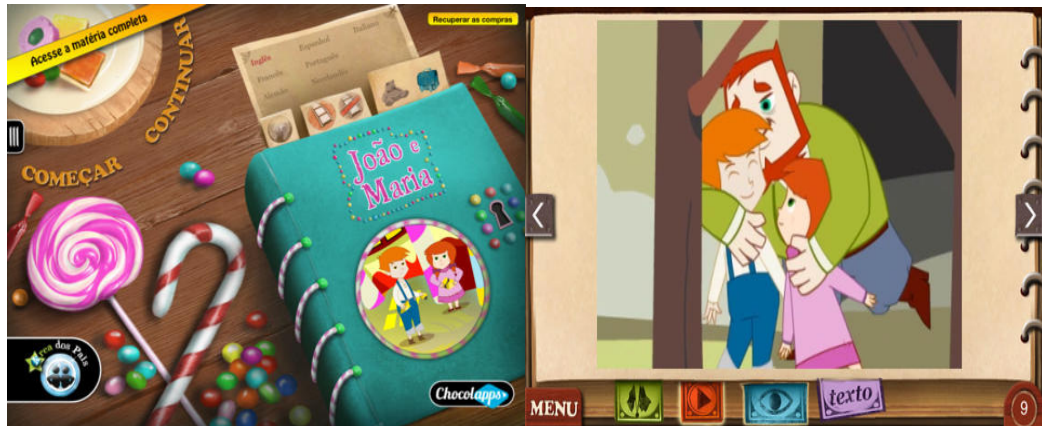


Figura 1 - Imagem da versão multimídia do conto de fadas João e Maria.

Em relação ao objetivo específico com ênfase no estudo dos aspectos do desenvolvimento moral das crianças, mais especificamente do juízo moral, a utilização do conto de fadas João e Maria se justifica por apresentar em seu enredo questões morais que foram adaptadas em perguntas para auxiliar na investigação. Sendo assim, a metodologia proposta tem como finalidade verificar nas idades pesquisadas a seguintes dimensões do desenvolvimento moral: a anomia, a heteronomia e a autonomia, observadas no julgamento do participante sobre os personagens do conto considerando a evolução do desenvolvimento ao longo das idades.

A entrevista com os participantes teve como base o método clínico piagetiano, já que o mesmo pode dar condições ao pesquisador de realizar estudos evolutivos por meio das explicações da realidade pela criança em diferentes idades (Piaget, 2005/1926). O interesse em estudar aspectos universais do

desenvolvimento das crianças e não os atributos individuais, bem como a ênfase sobre o processo que leva o sujeito a emitir sua resposta, conforme destacado por Carraher (1998), direcionaram a adequação da utilização do método clínico piagetiano. Souza (2012b) indica um importante aspecto desta metodologia enfatizando que é “um método para acompanhar como o indivíduo passa de um patamar de menor equilíbrio para um de maior equilíbrio, ao longo de seu processo de construção de conhecimento” (p. 140).

Após aprovação do Comitê de Ética (parecer 865.829 disponível no Apêndice C), foi feito o contato com a diretora da escola que mediante termo de consentimento (Apêndice D) autorizou a realização das entrevistas. As crianças foram convidadas a participar das entrevistas, a partir da autorização dos pais por meio do termo de consentimento (Apêndice E), e informadas sobre o objetivo da pesquisa, bem como lhes foi indicado sobre a liberdade para encerrar sua participação em qualquer momento, sem prejuízo e sobre a garantia de sigilo absoluto de sua identidade (Apêndice F).

As entrevistas foram gravadas em áudio digital, posteriormente foram transcritas na íntegra (Apêndice Digital), e ocorreram na escola, em data e horário previamente agendado com os participantes. Os dados colhidos foram analisados baseando-se nos modos de reconstituição categorizados por Souza (1990), e nas situações em que houve necessidade, pelo estabelecimento de novas categorias de análise, a partir da leitura cuidadosa de todo o material transcrito (Flick, 2009).

### **2.3. Tratamento de dados**

Após a transcrição das entrevistas foi feita a leitura e a análise do material, foi realizada a categorização com vistas a identificar os aspectos do desenvolvimento cognitivo dos participantes, e para isso as categorias utilizadas foram Fantasiada, Concreta e Interpretativa (Souza, 1990). No modo de reconstituição Fantasiada há predomínio da introdução de elementos externos e até mesmo elementos pessoais à história, que não tem relação com a mesma, havendo também justaposição de ideias e sincretismo de pensamento (Piaget & Inhelder, 1978); o modo Concreto de reconstituição é caracterizado por respostas que tendem a reconstituir o texto de maneira narrativa, descritiva e apegada ao texto, não interpretando o mesmo, e na classificação denominada Interpretativa ocorre a interpretação do texto, conferindo ao mesmo novos significados, ultrapassando as informações concretas, estabelecendo relações entre as causas das ações das personagens e as consequências.

Em um segundo momento a pesquisadora utilizou a metodologia proposta com a finalidade de investigar as seguintes dimensões do desenvolvimento moral: I - Anomia, II - Heteronomia e III - Autonomia, observadas no julgamento de cada participante sobre cada personagem do conto considerando a evolução do desenvolvimento moral ao longo das idades estudadas. Entretanto, no momento da categorização das respostas dos participantes houve dificuldade em classificar utilizando apenas as três categorias citadas, sendo assim, decidiu-se por estabelecer duas categorias que significariam uma transição: I/II - Anomia/heteronomia, e II/III - Heteronomia/autonomia. Algumas respostas das crianças foram classificadas dentro destas transições por apresentarem traços característicos de ambas as dimensões, considerando a complexidade em

classificar a resposta dos participantes apenas em uma ou outra dimensão. Assim, ainda que tenha sido elaborado um plano de análise dos dados, de maneira a trabalhá-los por meio de uma organização e classificação lógica (Sampieri, Collado & Lucio, 2006), a complexidade e a riqueza interpretativa em pesquisa qualitativa demandaram adaptações no decorrer desta etapa do trabalho.

Portanto, no que diz respeito ao desenvolvimento moral foram utilizadas as seguintes categorias: I – Anomia, I/II – Anomia/heteronomia, II – Heteronomia, II/III – Heteronomia/autonomia e III – Autonomia. As respostas classificadas dentro do nível I – Anomia, apresentam conteúdo marcado pela ausência da noção de regra, ou seja, a moral encontra-se fora do universo de valores da criança. A classificação de nível II – Heteronomia é definida a partir de respostas que evidenciem uma visão unilateral na compreensão das situações, havendo um entendimento literal das regras, de modo a considerar mais os resultados materiais da ação, ou seja, a julgar as ações sob a ótica da responsabilidade objetiva. Outro aspecto considerado nesta classificação é a compreensão de que as regras que compõem o mundo são fruto de imperativos colocados pelos adultos (autoridades), e a concepção das leis/regras como subsistentes em si, independentemente da consciência, além de um posicionamento mais egocêntrico ao julgar ações. A classificação no nível III – Autonomia é denotada pela presença de posicionamentos que refletem cooperação e respeito mútuo no julgamento das ações, pelo desenvolvimento da capacidade de se colocar no lugar do outro, e de perceber a intencionalidade das ações. Nas respostas classificadas neste nível aparece também gradativa diminuição da aceitação dos posicionamentos unilaterais, bem como gradativa elevação da capacidade de descentração, que promove a compreensão a partir do ponto de

vista alheio. As categorias I/II e II/III foram utilizadas para as respostas que continham características de ambas as dimensões, denotando o que se denominou como dimensões de transição. Assim, a categoria I/II foi utilizada para classificar respostas das crianças que oscilavam entre apresentar pouca ou nenhuma noção das regras ao avaliar as atitudes dos personagens e, ao mesmo tempo, se posicionar de maneira apegada à regra, demonstrando um entendimento literal e considerando a regra como um imperativo. Já a categoria de transição II/III foi utilizada para classificar respostas em que a criança ao mesmo tempo apresentava um entendimento da regra (certo e errado) ao pé da letra e uma ideia de responsabilidade objetiva, isto é, não considerando a intencionalidade, também revelava uma noção de cooperação, ou seja, decréscimo da responsabilidade objetiva, e aumento da responsabilidade subjetiva, característica presente na autonomia.

Para validação das categorias estabelecidas utilizou-se o acordo interjuízes que consiste em “separar parte dos protocolos e passá-los a outra pessoa com experiência na pesquisa, mas que, se possível, não tenha participado do estudo, para que ela classifique os sujeitos utilizando nossas categorias” (Delval, 2002, p. 172).

A partir do acordo entre os juízes é possível medir o grau de concordância, que deve se situar entre 80 e 90%, e avaliar se as classificações dentro das categorias propostas são precisas e não geram ambiguidades. Assim, favorece-se que tais categorias possam ser utilizadas por outros pesquisadores (Delval, 2002).

A análise do material possibilitou tanto uma visão quantitativa dos dados, quanto uma avaliação qualitativa das respostas das crianças. Assim, embora entenda-se que ambos os aspectos são relevantes para a pesquisa, Carretero e Castorina (2014) afirmam que “o foco na qualidade - e não na quantidade – é a pedra fundamental de qualquer perspectiva baseada no desenvolvimento” (p. 127). Desta forma, foi possível considerar aspectos quantitativos e qualitativos nos resultados que se seguem.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 Desenvolvimento cognitivo e contos de fadas**

A reconstituição do conto de fadas João e Maria pelas crianças participantes apresenta características diferenciadas em cada idade, evidenciando uma evolução da construção do conhecimento ao longo do desenvolvimento conforme a perspectiva construtivista Piagetiana (La Taille, 1992). Uma primeira análise da reconstituição foi feita considerando três aspectos: o respeito à ordem dos eventos conforme consta no enredo do conto, a presença de todas as cenas do conto, e a forma de conectar os eventos ao reconstituir o conto, ou seja, se a reconstituição é estruturada ligando os eventos com termos mais elaborados, ou se para conectar os eventos os participantes utilizaram conectores simples e repetitivos (e, aí, depois) tornando o texto de reconstituição mais entrecortado, fazendo uma espécie de justaposição dos fatos. Piaget (1986/1923) afirma que em torno dos sete ou sete anos e seis meses a criança passa a se preocupar com a ordem ao reconstituir uma história.



Assim, ao avaliar a reconstituição do conto realizada por cada participante, por meio da análise das respostas sobre as ações dos personagens, verificou-se que embora quatro das seis crianças de seis anos de idade tenham realizado a reconstituição respeitando a ordem dos eventos, apenas uma reconstituiu o conto apresentando todas as cenas, enquanto as outras cinco não incluíram todas as cenas. Foi possível verificar também que todos os participantes desta idade utilizaram conectores simples para unir as cenas construindo um texto mais entrecortado.

Os dados das crianças de sete anos apresentaram similaridade com as de seis anos de idade. Cinco delas respeitaram a ordem dos eventos ao reconstituir, enquanto apenas uma não o fez, quatro delas não incluíram todas as cenas do conto, enquanto duas revelaram inclusão de todas, e com igual resultado das crianças menores, todas os participantes de sete anos também estruturaram a reconstituição repleta de cortes entre os eventos, ligando-os apenas com termos simples como: “e”, “aí”, “depois”.

As crianças de dez anos de idade em sua maioria (quatro participantes) respeitaram a ordem dos eventos ao reconstituir o conto, quatro crianças não incluíram todas as cenas do conto, e quanto à maneira de conectar as cenas, três delas revelaram uma conexão mais encadeada das cenas na reconstituição, enquanto a outra metade ligou as cenas por meio de conectores simples, tornando o texto entrecortado.

Com resultado diferente das demais, as crianças de onze anos em sua totalidade respeitaram a ordem dos eventos na reconstituição, sendo que com

exceção de uma, as outras cinco incluíram todas as cenas, e duas delas apresentaram reconstituição que utilizou conectores simples entre os eventos, enquanto as outras quatro mostraram um encadeamento de eventos mais estruturado na reconstituição em relação às crianças mais novas (6, 7 e 10 anos).

A fim de atingir o objetivo específico relacionado à investigação dos aspectos do desenvolvimento cognitivo envolvidos na compreensão de um conto de fadas foi feita uma análise das reconstituições do conto a partir das respostas dos participantes às seis perguntas (3, 4, 5, 6, 7 e 8) sobre os personagens, utilizando os modos de classificação propostos por Souza (1990): Fantasiado, Concreto e Interpretativo.

Ainda que comparar as respostas de meninos e meninas não tivesse sido previsto nos objetivos específicos desta pesquisa, apresenta-se no Quadro 1 dados relativos aos tipos de reconstituição de ambos os sexos.

RECONSTITUIÇÃO	MENINOS	MENINAS
<b>Fantasiado</b>	0	0
<b>Concreto</b>	09	09
<b>Interpretativo</b>	03	03
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>12</b>

Quadro 1- Modos de reconstituição por meninos e meninas

Os dados do Quadro 1 indicam que não houve diferença entre meninos e meninas nos modos de reconstituir o conto de fadas e que nenhuma das crianças, nem mesmo as mais jovens, foi classificada dentro do modo de reconstituição Fantasiado. Assim, a maior parte das crianças, sendo nove meninos e nove meninas reconstituíram o conto de modo Concreto. Além disso três meninos e três

meninas deram respostas com características do modo Interpretativo. Verificou-se assim, uma predominância do modo Concreto de reconstituir tanto para os meninos, quanto para as meninas. Embora algumas respostas a algumas perguntas tenham sido avaliadas como Fantásticas, nenhuma das crianças (meninos e meninas) pesquisadas teve a reconstituição classificada dentro do tipo Fantástico.

As informações que constam no Quadro 2 tratam da análise quantitativa das respostas às seis questões (3, 4, 5, 6, 7 e 8) feitas às crianças. Cada questão teve sua resposta desmembrada em duas partes, totalizando 12 respostas por criança e 72 respostas por idade. Verifica-se que ainda que algumas das respostas das crianças das idades de seis e sete anos tenham sido categorizadas dentro do modo Fantástico, 75% das crianças de seis anos de idade e 84,7% das crianças de sete anos de idade reconstituíram o conto dentro do denominado modo Concreto. As crianças de dez anos de idade apresentam uma pequena diferença nas classificações entre o modo Concreto (52,7%) e o Interpretativo (47,2%) de reconstituir o conto. Com as crianças de onze anos de idade ocorreu uma situação similar, pois ainda que algumas respostas tenham sido categorizadas como Interpretativas (37,5%), a maioria das respostas das crianças desta idade está classificada no modo de reconstituição Concreto (62,5%).

MODO DE RECONSTITUIÇÃO	06 ANOS	07 ANOS	10 ANOS	11ANOS	TOTAL
					%
<b>Fantasiioso</b>	16 (22,2%)	10 (13,8%)	0	0	26 (9%)
<b>Concreto</b>	54 (75%)	61 (84,7%)	38 (52,7%)	45 (62,5%)	198 (68,7%)
<b>Interpretativo</b>	0	0	34 (47,2%)	27 (37,5%)	288 (21,1%)
<b>Não soube ou não respondeu</b>	2 (2,7%)	1 (1,3%)	0	0	3 (1%)
<b>Total</b>	72	72	72	72	

Quadro 2 - Modos de reconstituição por idade

Em função da riqueza de detalhes contida nas reconstituições das crianças, decidiu-se por apresentar também quadros ilustrativos exemplificando, por meio de trechos das respostas das crianças, as características dos modos de reconstituição utilizados.

As crianças de seis anos de idade demonstram reconstituir o conto de maneira bastante resumida, com elevada justaposição de ideias acarretando a distorção do conteúdo do mesmo, demonstrando uma posição egocêntrica, ao apresentar excessos de termos como por exemplo “depois eles”, sem identificar a que, ou a quem, o personagem está se referindo (Souza, 1990). Ao ligar várias partes do conto com o termo “depois” a criança não está apontando nem relação temporal, nem causal e nem lógica (Piaget, 1986/1923). Tal caracterização das respostas encontra embasamento em Piaget (s.d./1947), que afirma que

na inteligência verbal, a justaposição é a ausência de ligações entre os diversos termos de uma frase: o sincretismo é a compreensão global que faz da frase um todo. Em lógica, a justaposição leva a uma ausência de implicações ou justificações recíprocas entre os juízos sucessivos; o sincretismo leva a uma tendência a ligar

tudo a tudo, a justificar tudo pelas razões mais engenhosas ou mais absurdas. Em resumo, em todos os domínios, justaposição e sincretismo estão em antítese, o sincretismo sendo o predomínio do todo sobre o detalhe; a justaposição, o do detalhe sobre o todo. (Piaget, s.d./1947, p. 66)

Com exceção de uma das crianças de seis anos, Silvio, todas revelam uma reconstituição permeada por um raciocínio transdutivo, descrito por Piaget (s.d./1947) como “uma combinação de relações elementares, mas sem reciprocidade destas relações umas com relação às outras; por conseguinte, sem a necessidade que conduz à generalização” (p. 191). Assim, as crianças de seis anos reconstituem o conto “emendando” uma frase à outra, utilizando conectores como: “e”, “e aí”, “depois” sem demonstrar a lógica da ordenação dos fatos e a conexão entre eles, já que “a criança ignora, na verdade, a necessidade de ordenar seu relato em uma sequência lógica” (Piaget, s.d./1947, p. 16). Assim, a criança faz uma série de afirmações justapostas e não é capaz de sintetizar e explicitar uma ligação causal (Piaget, 1986/1923).

Para Piaget (s.d./1947) o ponto de vista da criança é deformado porque a mesma considera sua visão das coisas como absoluta, bem como não constitui entre si mesma e as coisas uma reciprocidade, o que caracterizaria a objetividade, faltando assim à criança até cerca de sete ou oito anos de idade a lógica das relações.

O participante Silvio (6 anos) em algumas partes de sua reconstituição indica o início de uma capacidade de “encadear suas proposições de maneira que cada uma contenha a razão daquela que se segue, e seja ela própria demonstrada pela anterior” (Piaget, s.d./1947, p. 15), em relação às outras crianças de sua idade na

estruturação de sua fala. Silvio explica, por exemplo, uma passagem utilizando o “porque”, de maneira a indicar que a bruxa tinha perguntado, e por isso Maria respondeu:

“Aí, aí, aí a Maria disse bem assim: “a gente é o vento!” *porque* a bruxa tinha perguntado quem era...”

Silvio também empregou a palavra “enquanto” para explicar que uma coisa aconteceu simultaneamente à outra. Indica também uma forma de raciocínio menos transdutivo em relação às outras crianças de seis anos.

A presença de elementos pessoais na expressão verbal das crianças ao longo da reconstituição se apresenta, constituindo uma alteração, distorção do conteúdo do enredo, e tal característica é classificada por Souza (1990) como fazendo parte de uma reconstituição Fantasiada. Alguns trechos de respostas dos participantes de seis anos de idade retratam a alteração do enredo do conto por inclusão de elementos pessoais, como apresentado no Quadro 3.

Participante	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>6 ANOS</b>		
<b>Sandra</b>	<b>5</b>	“Porque minha mãe disse que se comer muito doce, que nem uma casa cheia de doce, pode passar mal.”
	<b>4</b>	“Aí saiu uma lágrima (do pai), aí foi lá e fez o que a madrasta pediu.”
	<b>8</b>	“Aí foi, pegou o dinheiro e comprou pão.”
<b>Silvio</b>	<b>5</b>	“Que eles podiam ficar com dor de barriga.”
<b>Sônia</b>	<b>6</b>	“Ela bota as crianças dentro do caldeirão <i>pra</i> depois cozinhar.”

Quadro 3 – Trechos das respostas que demonstram alteração do enredo do conto por inclusão de elementos pessoais

Outra característica que indica o modo de reconstituição Fantasiado são as falas apresentadas no Quadro 4 que denotam uma reconstituição repleta de fantasia e imaginação, em que o participante ao responder à pergunta reconstituiu o conto a seu modo, de uma maneira diferente da apresentada no enredo do conto.

Participante	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>6 ANOS</b>		
<b>Sergio</b>	<b>6</b>	“Porque não se deve comer pessoas. Porque senão... depois uma pessoa fica no seu estômago, e aí enche rápido, depois você come... depois vira cocô...”
	<b>7</b>	“Depois ela foi ver, talvez Maria chutou ela, depois fechou a porta.”
<b>Silvio</b>	<b>4</b>	“É porque, é porque o lenhador... disse... porque todas as crianças comem primeiro do que os adultos.”
<b>Sandra</b>	<b>8</b>	“Aí foi, tirou e pegou. Dinheiro. Comprou pão.”

Quadro 4 – Trechos das respostas que apresentam fantasia e imaginação

Nas crianças da idade de 6 anos verifica-se que as respostas das participantes apresentam características fantasiosas, ou seja, de imaginação, que fogem completamente à descrição do enredo do conto. Além disso, três crianças (Sergio, Silvio e Sandra) “imitam” a voz, a entonação e a expressão do personagem, parecendo pretender tornar a sua reconstituição mais verídica e próxima da atitude do personagem, bem como, participar de um “faz-de-conta” provocado pelo envolvimento, supostamente afetivo com o conto. Três das seis crianças (6 anos) entrevistadas incluem a imitação da voz e da entonação do personagem ao responder às perguntas da entrevista. Este comportamento das crianças participantes remete a ideia de Piaget (2014/1953) que indica que com o

ingresso na fase das representações pré-operatórias inicia-se o desenvolvimento dos sentimentos interindividuais, assim os valores passam a ter maior estabilidade e possibilitam que a criança efetue trocas afetivas com o outro. Portanto, a criança passa a apresentar sentimentos de simpatia pelo outro, concebida como uma reciprocidade de atitudes. Desse modo os participantes pareceram revelar uma espécie de sentimento de simpatia pelos personagens, interagindo ludicamente com as ações dos mesmos, ou, como se fossem os mesmos, como aparece em destaque no Quadro 5.

Participante	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>6 ANOS</b>		
<b>Sergio</b>	<b>6</b>	“Ela falou: (voz diferente) Entrem, eu vou dar qualquer comida.”
<b>Silvio</b>	<b>5</b>	“Aí a Maria disse bem assim: A gente é o vento.”
<b>Sandra</b>	<b>6</b>	“falou assim ó (olha): (faz voz diferente) Vocês tem que comer, aí foi e deu um pão pra eles...”
	<b>3</b>	“Aí a mãe foi e falou: (voz diferente) Meus filhos fiquem aqui, eu e seu pai vamos caçar frutinhas para vocês.”
	<b>7</b>	“Aí a bruxa vai e fala: (faz expressão de brava e voz diferente) Você não serve pra nada...”

Quadro 5 – Trechos das respostas com imitação da voz e da entonação do personagem

As análises das respostas das crianças de seis anos de idade evidenciam uma postura egocêntrica, indicando pouca preocupação em se fazer entender e em comprovar seu pensamento (Piaget, s.d./1947), respondendo de maneira resumida sem referenciar de que personagem estão falando, demonstrando a ideia de que todos entendem as coisas do ponto de vista deles, ou que não há outro ponto de vista além do deles, característica típica do egocentrismo. Tal apontamento pode



ser notado nas respostas de algumas crianças que utilizam palavras que não identificam com clareza a que, ou a quem estão se referindo como aparece no Quadro 6.

Participante	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>6 ANOS</b>		
<b>Saulo</b>	<b>7</b>	“Ela pediu <i>pra</i> entrar lá dentro <i>pra</i> ver se o negócio tava quente.”
<b>Samira</b>	<b>7</b>	“Ela pede ela <i>pra</i> entrar lá dentro. Aí a bruxa entra e ela fecha o negócio lá.”

Quadro 6 – Trechos das respostas com utilização de palavras que não identificam com clareza a que, ou a quem está se referindo

As crianças de sete anos de idade, com exceção de Susana, apresentam reconstituição muito similar às crianças de seis anos, denotando as características de transdução, justaposição, sincretismo e egocentrismo na estruturação de suas respostas.

Samuel (7 anos), por exemplo, em sua reconstituição demonstra justapor ideias ao resumir e reunir as duas vezes que as crianças são abandonadas na floresta em uma só.

Outro exemplo de justaposição de ideias e sincretismo pode ser mostrado pelas respostas de Savio e Sara (7 anos):

“Aí eles foram pra floresta de novo, e os pedaços de pão, desapareceram por causa que os passarinhos comeram.” (Sávio não explica para que João colocou os pedaços de pão).

“Eles encontram um rio de cisnes.” (Sara reconstitui como se houvesse vários cisnes).

“Eles encontram uma bruxa e pegam o ouro dela.” (Sara resume ao máximo, dizendo que após encontrar a bruxa as crianças pegam o ouro, sendo que vários outros fatos ocorrem até o ouro ser encontrado).

Outro exemplo de resposta de Sávio é: “depois que eles entraram na casa, eles comeram um pedaço do telhado da bruxa”, revelando certa confusão na ordenação das cenas, pois no conto eles comeram o telhado antes, e por isso a bruxa abriu a porta, e depois que entraram na casa não comeram mais o telhado.

Samir (7 anos) revela em sua reconstituição o início de uma capacidade de compreender a relação causal ao relatar: “A mãe não queria ficar com eles por causa da comida.” A maioria das crianças de seis e sete anos justifica a ação da mãe/madrasta dizendo que ela era muito malvada e não enfatizando que a ação dela se justifica devido a uma situação de fome.

Em algumas das respostas das crianças de sete anos nota-se a interferência de questões pessoais, o que faz com que a reconstituição do conto apresente distorções, o que é caracterizado como modo de reconstituição Fantasiado.

Participante	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>7 ANOS</b>		
<b>Sávio</b>	<b>5</b>	“Porque é doce e doce faz mal.”
<b>Samuel</b>	<b>8</b>	“Porque eles eram pobres, aí eles tinham que ganhar dinheiro, aí eles tinham que ir na selva.”
<b>Samir</b>	<b>3</b>	“Às vezes vem lobo, urso.”
	<b>6</b>	“Pra ele comer um montão de gordura e ele ficar gordo pra bruxa comer?”
<b>Sofia</b>	<b>3</b>	“Deixar as crianças na floresta é muito perigoso. O urso pode entrar lá e...”
	<b>5</b>	“Porque comer doce, né, todo mundo gosta!”
	<b>6</b>	“Porque que a criança fica lá presa sendo do bem não pode.”
	<b>8</b>	“Igual aconteceu com a minha mãe... Eu tava lá na casa, lá pegando caixa de areia pro meu gato e um cara entrou lá...”

Quadro 7 – Trechos das respostas que apresentam alteração do enredo do conto por inclusão de elementos pessoais

A análise de algumas respostas das crianças de dez anos aponta uma ainda incipiente capacidade de análise e interpretação, que segundo Souza (1990) remete ao modo de reconstituição Interpretativo. Nas respostas oferecidas, as crianças se posicionam e até mesmo supõem coisas a partir do conto.

Participante	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>10 ANOS</b>		
<b>Davi</b>	5	“Acharam que tinha uma pessoa legal dentro da casa.”
	4	“Se fosse eu não iria fazer isso.”
	6	“Ela achava criança só para engordar e comer elas. Ia se tornar um canibal.”
<b>Diego</b>	4	“Foi errado também. Como ele ser cabeça da família, é errado ele ter que escutar a mulher e não o pensamento dele.”
	4	“Ele persistiu um pouco <i>pra</i> não levar, só que aí deu na mente dele que era <i>pra</i> levar, aí ele levou.”
<b>Daniel</b>	7	“a bruxa teve uma maldade, ela poderia matar bem mais bruxas, bem mais pessoas...”
	5	“Eu perguntaria primeiro e eu não gosto de doce.”
	3	“Porque ela pensou numa maneira de alimentar melhor eles, mas mesmo assim abandonou em vez de encontrar com uma pessoa e dar.”
	6	“Ela tinha uma casa de doce, ela poderia comer quanto doce ela quisesse.”
	7	“Não, a bruxa teve uma maldade, ela poderia matar bem mais bruxas, bem mais pessoas...”
	8	“É errado, só que ele tava passando fome e a bruxa não ia fazer nada com aquele dinheiro.”

Quadro 8 – Trechos das respostas que apresentam posicionamentos por parte das crianças e suposições das mesmas sobre o conto

As crianças de onze anos em sua reconstituição indicam em algumas de suas falas a compreensão das entrelinhas do conto, se desvencilhando do concreto e fazendo apontamentos, oferecendo suas opiniões e sugestões para os personagens do conto, o que indica uma capacidade interpretativa, conforme as falas que constam no Quadro 9.

Participante	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>11 ANOS</b>		
<b>Dulce</b>	<b>3</b>	“Ela só não quis eles porque não é filho dela.”
	<b>4</b>	“Ele não pensou nas consequências. Errado. Porque ele não percebeu que a coisa que ele <i>tava</i> fazendo era errada.”
<b>Douglas</b>	<b>4</b>	“Errado! Por que, no caso ela era a madrasta, então, com certeza se fosse a mãe de verdade das crianças ia preferir que eles estivessem comendo do que ela.”
	<b>7</b>	“E ela (a bruxa) usava a casa para atrair as crianças, <i>pra</i> ela poder comer as crianças.”
<b>Danilo</b>	<b>6</b>	“Errado! <i>Por causa que</i> não pode comer crianças. Por causa que ela está comendo, é, a própria raça dela.”
<b>Dora</b>	<b>6</b>	“Ela não tinha que comer o menino e a menina, na verdade ela tinha que ajudar eles a procurar a casa e não comer eles.”
<b>Dalila</b>	<b>7</b>	“Ela (Maria) queria se vingar da bruxa.”

Quadro 9 – Trechos das respostas que revelam a capacidade interpretativa, ultrapassando o concreto e oferecendo opiniões e sugestões

Conforme colocado anteriormente o modo Concreto, que se caracteriza pelo apego ao contexto do conto, por ser literal, ou seja, uma reconstituição sem modificações ou interpretações, estabelecido por Souza (1990) prepondera em todas as faixas etárias estudadas, incluindo as crianças de onze anos, ainda que estas em algumas de suas respostas demonstrem pequenos indícios de uma interpretação. Outro aspecto que pode ser observado em alguns participantes de todas as idades é a atribuição de sentimentos aos personagens. Ainda que na reconstituição os participantes de dez e onze anos de idade apareçam os conectores: “‘aí’ e ‘e’” por exemplo, verifica-se uma grande diferença em relação à

estruturação da reconstituição pelas crianças mais novas (6 e 7 anos). Os participantes de dez e onze anos já se mostram capazes de justificar suas ideias de maneira mais consistente, explicando suas colocações e utilizando termos como: “‘mas’, ‘mas só que’, e ‘só que aí’” como conectores um pouco menos primitivos que o “‘aí’, o ‘depois’ e o ‘e’” presentes em grande quantidade nas reconstituições das crianças de seis e sete anos.

### **3.2 Dimensões morais do desenvolvimento infantil e conto de fadas**

Assim como os estudos piagetianos (Piaget, 1994/1924) afirmam haver um processo de desenvolvimento que evolui de um realismo moral, ou seja, de uma postura mais heterônoma, para uma posição mais autônoma, a análise dos resultados da pesquisa mostra diferenças nas respostas dos participantes, que evoluem de acordo com a idade, conforme colocado no Quadro 10. Este quadro apresenta a classificação de cada resposta de cada criança às seis perguntas (3, 4, 5, 6, 7 e 8) sobre as ações dos personagens. Os dados (Quadro 10) revelam que 70,8% das respostas dos participantes de todas as idades pesquisadas está dentro da dimensão II - Heterônoma, a segunda maior parte das respostas (23,6%) ficou classificada na transição II/III - Heteronomia/autonomia. Poucas respostas (4,1%) dos participantes de seis e sete anos de idade foram classificadas dentro da transição I/II - Anomia/heteronomia, e apenas duas (13,8%) respostas dos participantes, um de dez e outro de onze anos de idade foram classificadas dentro da dimensão III - Autonomia, sendo que nenhuma resposta foi categorizada na dimensão da I – Anomia.

DIMENSÃO MORAL	FAIXA ETÁRIA				
	06 ANOS	07 ANOS	10 ANOS	11 ANOS	TOTAL
<b>I - Anomia</b>	0	0	0	0	0
<b>I/II - Anomia/Heteronomia</b>	2 (5,5%)	4 (11,1%)	0	0	6 (4,1%)
<b>II - Heteronomia</b>	28 (77,7%)	26 (72,2%)	20 (55,5%)	28 (77,7%)	102 (70,8%)
<b>II/III - Heteronomia/Autonomia</b>	6 (16,6%)	6 (16,6%)	15 (41,6%)	7 (19,4%)	34 (23,6%)
<b>III - Autonomia</b>	0	0	1 (2,7%)	1 (2,7%)	2 (13,8%)
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>36</b>	<b>36</b>	<b>36</b>	<b>144</b>

Quadro 10 - Classificação das dimensões morais por faixa etária

No resultado geral de classificação dos participantes de seis e sete anos de idade pesquisados a dimensão II - Heteronomia é a que se apresenta com mais frequência, de modo que ao categorizar cada resposta e sua respectiva justificativa verificou-se que as crianças desta faixa etária já apreendem a dimensão do dever, do bem e do mal, indicando que o universo de valores delas começa a incluir a moral, entretanto elas ainda adotam posição mais egocêntrica ao julgar algumas ações. Outro aspecto presente nas falas das crianças das idades de 6 e 7 anos é que ao julgar as situações do conto tendem a demonstrar uma visão de respeito unilateral às regras, que pode estar relacionada ao que Piaget (1994/1924) denominou de moral da regra exterior. Assim, elas tendem a considerar mais os resultados materiais da ação, ou seja, julgam sob a ótica da responsabilidade objetiva, e tendem a evoluir adquirindo a capacidade de analisar as ações, de modo a considerar as intenções das mesmas. Assim, para Piaget (1994/1924) há uma tendência da responsabilidade subjetiva, aos poucos (de acordo com a idade) dominar a responsabilidade objetiva.

La Taille (2006) aponta que a partir dos quatro anos de idade a criança começa a perceber que o dever de executar ou não uma ação, se refere a noção de que as ações podem ser valoradas como boas ou más. Assim, “a apreensão da dimensão do dever, do bem e do mal, significa que a moral começa a fazer parte do universo de valores da criança” (La Taille, 2006, p. 97/98). A criança, então, sairia da condição da anomia e passaria a entender o mundo por uma visão mais heterônoma, compreendendo as regras de uma maneira bastante literal, de modo a considerar mais os resultados materiais da ação e menos as intenções da mesma, e condicionando a legitimidade das ações a alguém que ela reconhece como uma autoridade (pai, mãe, professor).

Nas respostas das crianças de seis e sete anos de idade ao justificar as ações dos personagens nota-se uma tendência a demonstrar uma posição mais heterônoma, ou seja, de tender a julgar os fatos pelos resultados, ou pelas consequências, que podem ser acarretados a partir deles. Isso pode ser verificado na resposta apresentada por Saulo e Sérgio (6 anos) quando solicitados a justificar porque eles acharam errada a atitude da madrasta de deixar as crianças na floresta: “Errado. Porque elas podem se perder.” Entende-se que o resultado “se perder” justifica a ação ser classificada como errada.

Na resposta oferecida por Silvio (6 anos) quando perguntado sobre porque achou errado João e Maria comerem a casa de doces é possível inferir que ele avaliou a ação do personagem como “errada” levando em consideração as consequências da ação: “que eles podiam ficar com dor de barriga.”



Assim, duas (Silvio e Sandra) das seis crianças de seis anos de idade justificam que não se pode comer a casa de doces porque *doce faz mal, dá dor de barriga*, fazendo alusão a uma consequência da ação.

Com relação à pergunta 8 que aborda a ação de pegar o saco de ouro da bruxa e levar consigo, quatro crianças de seis anos (Saulo, Silvio, Sônia e Sandra) foram taxativas dizendo que não se pode roubar, pegar o que é dos outros, enquanto uma afirmou ser certo porque eles precisavam do dinheiro e uma criança ficou dividida entre considerar certo por precisar, mas entender ser errado por ser de outra pessoa. Verifica-se que a maioria (4) das crianças apresenta a posição unilateral de que roubar ou pegar é errado, sem nenhum tipo de ponderação sobre o fato, o que traz indicação de uma posição mais heterônoma. Segundo Piaget (1994/1924) “A obrigação de ... não roubar etc., tantos deveres que a criança sente profundamente, sem que emanem de sua própria consciência: são ordens devidas ao adulto e aceitas pela criança” (p. 154). Assim, tal moral do dever revela-se totalmente heterônoma, pois o bem é seguir a vontade do adulto.

Assim como as crianças de seis anos de idade, as de sete anos também apresentam justificativa pautada nas consequências da ação, porém as respostas são mais estruturadas e as justificativas mais consistentes em relação às de seis anos, conforme segue no Quadro 11.

Participante	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>7 ANOS</b>		
<b>Sávio</b>	<b>3</b>	“Errado. Errado por causa que as crianças ficaram com fome se elas não comerem nada.”
<b>Samuel</b>	<b>3</b>	“Errado. Porque não pode deixar as crianças nas florestas porque senão, senão, eles não encontram a casa de volta.”
<b>Samir</b>	<b>3</b>	“Errado. Às vezes vem lobo, urso.”
<b>Sofia</b>	<b>3</b>	“Deixar as crianças na floresta é muito perigoso. O urso pode entrar lá e... Que ele esteja com muita fome e comê-las.”

Quadro 11 – Trechos das respostas que apresentam justificativas pautada nas consequências da ação

Tanto as crianças de seis quanto as de sete anos de idade, ao se referirem aos personagens madrasta e bruxa em sua maioria destacam que as personagens são más, malvadas, têm atitudes “feias” demonstrando que valores, como bem e mal já fazem parte de seu universo moral, como enfatizado por La Taille (2006).

A partir da análise das respostas das crianças de sete anos à questão 8, que aborda a ação de João de pegar o saco de ouro da bruxa e levar consigo, verifica-se que quatro (Samuel, Samir, Sofia e Sara) das seis crianças de sete anos consideraram a atitude correta, demonstrando valorizar a fome, a vida, mas deixando de lado a questão do ato de pegar sem permissão. Sávio apontou como errado por considerar ser roubo e Susana demonstrou ficar dividida entre errado e certo, dizendo que era de uma bruxa, entretanto caso eles não pegassem, iam morrer de fome.

Nas respostas das crianças de dez e onze anos de idade verifica-se o início de uma capacidade de se colocar no lugar das (os) personagens, de perceber intencionalidade nas ações dos mesmos, sendo notável em algumas falas a

passagem para posicionamentos menos unilaterais, indicando dúvidas sobre a ação ser certa ou errada, e posicionamento dividido entre certo e errado, que pode sugerir uma certa flexibilização do pensamento. Em muitas respostas os participantes oferecem sugestões e opções de ação diferente da apresentada pelos personagens.

As falas destacadas no Quadro 12 apresentam exemplos de sugestões das crianças para os personagens.

Participantes	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>10 ANOS</b>		
<b>Daniel</b>	<b>5</b>	“Acho que deveriam ver se tinha alguém na casa, depois pedirem comida.”
	<b>6</b>	“Ela tinha uma casa de doce, ela poderia comer quanto doce ela quisesse.”
<b>Diana</b>	<b>4</b>	“Errado. É porque era pra ele ter invés de <i>fazido</i> isso... feito isso, ido passear com elas mais, para ver se achava mais coisas pra comer.”

Quadro 12 – Trechos das respostas que demonstram sugestões das crianças aos personagens do conto

Outro dado interessante foi verificado nas respostas das crianças de dez anos de idade, onde nota-se que as mesmas percebem e citam uma espécie de intencionalidade na ação dos personagens. Assim, possivelmente o desenvolvimento de uma capacidade de interpretação das entrelinhas do conto possibilita que elas se refiram a intenção do personagem (Quadro 13).

Participantes	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>10 ANOS</b>		
<b>Davi</b>	<b>6</b>	“Porque ela achava criança só para engordar e comer elas.”
<b>Daniel</b>	<b>3</b>	“Porque ela pensou numa maneira de alimentar melhor eles.”
<b>Diana</b>	<b>8</b>	“Porque ele queria ter mais dinheiro, né, para se alimentar melhor.”
<b>Denise</b>	<b>4</b>	“Errado também. Porque ele ouviu coisa errada em vez de fazer a coisa certa.”

Quadro 13 – Trechos das respostas que revelam a capacidade de interpretar nas entrelinhas e captar a intenção dos personagens do conto

Muitas respostas das crianças de dez anos de idade evidenciam uma espécie de posicionamento dividido ao julgar as ações, isto é, demonstram considerar dois lados da situação vivida pelo personagem ao dar sua opinião, revelando maior flexibilização de seu pensamento (Quadro 14).

Participantes	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>10 ANOS</b>		
<b>Daniel</b>	<b>4</b>	“Fez certo. Como eles não <i>tinha</i> comida nenhuma é, vou mudar minha pergunta. Acho errado. Ele poderia ter dado para alguém.”
	<b>8</b>	“Acho certo, porque ele não ia encontrar outra, outra coisa, sem ser a casa dele. É errado, só que ele <i>tava</i> passando fome e a bruxa não ia fazer nada com aquele dinheiro. É justo fez maldade com ele.”
<b>Diana</b>	<b>7</b>	“Ao mesmo tempo errado, e ao mesmo tempo certo, ela foi se proteger, né? E errado, porque também não pode fazer isso. Porque temos que ter educação, paciência.”
	<b>8</b>	“Certo e errado também. Porque ele queria ter mais dinheiro, né, para se alimentar melhor, e o errado

		porque não pode também pegar as coisas dos outros.”
<b>Débora</b>	<b>5</b>	“No conto de fadas <i>pra</i> eles assim, deve ter sido maravilhoso, ter achado comida. Assim, é errado invadir a casa das pessoas, mas, assim, na fome eles viram assim: crianças inocentes pegaram. São inocentes. Às vezes na mente deles foi certo, <i>eles ter</i> feito isso.”
	<b>8</b>	“Eu acho que ele fez isso <i>pra</i> ajudar o pai, <i>pra</i> quando chegasse em casa não ter que passar fome de novo. Ou com medo da madrasta. Assim, roubar, errado, mas tá... É tudo de mentirinha né? O que ele fez? Assim... Eu fico meio dividida, assim, na minha opinião não teria feito, mas eu acho que ele fez isso <i>pra</i> ajudar quando chegasse em casa, <i>pra eles ter</i> comida <i>pra</i> comer... No prato.”
<b>Denise</b>	<b>5</b>	“Também é errado porque tem que pedir permissão de tudo. É certo, mas também errado. Mais errado.”
	<b>8</b>	“Um pouco certo também porque é ... ele tá roubando praticamente... É. Mas, ele queria ajudar o pai dele.”

Quadro 14 – Trechos das respostas que apresentam posicionamento dividido ao julgar as ações, considerando dois lados da situação vivida pelo personagem

A análise das respostas dos participantes de dez anos de idade à pergunta 8, sobre a ação de João de levar consigo o saco de ouro da bruxa, mostra que três dos seis (Diana, Debora e Denise) apresentaram ponderação, revelando-se divididas ao considerar a ação certa, por ser motivada pela necessidade de alimentação, mas ao mesmo tempo errada, porque roubar, ou pegar de alguém sem autorização é errado. Dois participantes (Davi e Daniel) indicaram a ação de João como certa, revelando levar em consideração unicamente a fome e a

necessidade, enquanto uma criança (Diego) avaliou que o ato de pegar sem permissão é errado, independente da condição de fome.

Nas respostas das crianças de onze anos é constante a indicação de sugestões aos personagens, o que pode ser entendido como um posicionamento a partir daquela situação, que indica uma postura mais autônoma (Quadro 15).

Participantes	Pergunta	Trecho da Resposta
<b>11 ANOS</b>		
<b>Douglas</b>	<b>3</b>	“Ruim. Porque se eu por exemplo tenho um filho e tivesse faltando comida em casa, primeiro eu ia dar comida para ele, e depois para mim, porque eu ia aguentar mais tempo sem comida do que ele.”
	<b>6</b>	“Errado, porque primeiro ela podia ter feito uma casa com madeira que tem na floresta, e comido os doces da casa que ela tinha feito.”
<b>Dulce</b>	<b>3</b>	“Ela não tinha o direito de maltratar eles também. Se ela casou com o cara, sabia que o cara tinha filho pra que que ela ia maltratar os bichinhos, os menininhos?”
	<b>8</b>	“Totalmente errado. Era <i>pra</i> ele ter pegado, era <i>pra</i> ele ter, o pai dele trabalhar <i>pra</i> poder conseguir dinheiro, <i>pra</i> poder comer.”
<b>Dora</b>	<b>6</b>	“Ela não tinha que comer o menino e a menina, na verdade ela tinha que ajudar eles a procurar a casa e não comer eles.”

Quadro 15 – Trechos das respostas que mostram a capacidade de oferecer sugestões aos personagens e se posicionais diante das situações

Ao averiguar as respostas dos participantes de onze anos de idade à pergunta 8, encontra-se três tipos de posicionamento. Metade (3) dos participantes (Douglas, Dora e Dulce) apontaram como errado, o ato de João de levar o saco de

ouro da bruxa consigo, justificando que o dinheiro era da bruxa, que isso é *roubo* e que *o pai deveria trabalhar para ganhar dinheiro e não pegar de outra pessoa*. Dois participantes (Danilo e Dalila) consideraram certa a ação de João, porque a dona do dinheiro *era uma bruxa e já estava no forno, e além de tudo isso a família dele (João) era pobre*. Apenas um participante (Dimas) ponderou, posicionando-se de maneira dividida entre a situação de fome e o fato de pegar algo que é de outra pessoa.

Segundo La Taille (2006) Piaget ao descrever traços gerais de “estágios” do desenvolvimento moral define os mesmos pela tendência dominante por meio da qual a criança pensa a moral. Assim, nenhuma criança é totalmente heterônoma ou totalmente autônoma. Piaget (1994/1924) ao estudar o realismo moral nas crianças afirma existir duas morais distintas, embora não constituam estágios. Inicialmente a criança segue atentamente à coação moral adulta (respeito unilateral), apresentando a heteronomia, em seguida surge a capacidade de cooperação (simpatia, respeito mútuo e reciprocidade) que revela a autonomia, sendo que entre esses dois momentos há uma fase de interiorização e generalização das regras e ordens.

Ao destacar o posicionamento dos participantes de todas as idades em relação a atitude de João de pegar o ouro e levar consigo, nota-se que enquanto apenas um de seis e um de sete anos de idade ponderaram, ou seja, ficaram divididos ao julgar a ação, metade dos de dez anos apresentaram-se divididos entre ser certa ou ser errada, e entre os de onze anos, apenas um fez a ponderação. Assim, pode-se confirmar a ideia Piagetiana de que no desenvolvimento moral há

tendências, que seguem uma evolução, mas que ocorrem oscilações entre a preponderância de uma dimensão e outra ao longo das idades.

Em seu livro *Moral e ética*, La Taille (2006) indica que a criança a partir dos oito, nove anos de idade apresentaria a tendência a ir aos poucos tornando-se moralmente autônoma, pois passa a julgar a partir de princípios, podendo abandonar as regras que anteriormente, eram importantes para compreender as ações do outro. Na heteronomia moral a criança se pauta na obediência e no respeito unilateral e na da autonomia na justiça e no respeito mútuo.

Segundo La Taille (2006) “o desenvolvimento moral depende do desenvolvimento da inteligência” (p. 99), já que a avaliação de se se deve ou não seguir uma regra depende de um raciocínio.

Embora nesta pesquisa apontar diferenças entre meninos e meninas não fosse um dos objetivos específicos decidiu-se por ilustrar no Quadro 16 a classificação do desenvolvimento moral por gênero. Os resultados quantitativos na classificação dos aspectos cognitivos não apontem diferenças nos modos de reconstituição entre meninos e meninas, já os dados relacionados ao desenvolvimento moral indicam uma pequena diferença conforme apresentado no Quadro 16. A maior parte das meninas (11) encontra-se classificada com um posicionamento mais II - Heterônimo, e apenas uma menina está na transição II/III - Heteronomia/autonomia. Dez meninos estão dentro da classificação II - Heteronomia e dois deles encontram-se na transição II/III - Heteronomia/autonomia.



<b>DIMENSÃO MORAL</b>	<b>MENINOS</b>	<b>MENINAS</b>
<b>Anomia</b>	0	0
<b>Anomia/Heteronomia</b>	0	0
<b>Heteronomia</b>	10	11
<b>Heteronomia/Autonomia</b>	2	1
<b>Autonomia</b>	0	0
<b>Total</b>	12	12

Quadro 16 - Classificação das dimensões morais por meninos e meninas

Mesmo não sendo um dos objetivos específicos deste trabalho, observou-se que as meninas, mais frequentemente do que os meninos, ao justificar suas respostas citam sentimentos implicados na ação do personagem. Elas parecem além de se pautar na lógica para analisar as ações, reconhecer e citar com mais frequência em suas respostas motivações afetivas, utilizando termos como: paciência, coragem, saudade, amor, inveja, medo, raiva e tristeza, e ideias de satisfação, conforto/acolhimento e consideração, o que aparece menos constantemente nas respostas dos meninos. Este conteúdo das respostas parece indicar a capacidade de reconhecer valores afetivos remetendo às ideias de Piaget (2014/1953). Para o referido autor, o desenvolvimento afetivo, inicialmente possui uma característica mais intuitiva, averiguada na apresentação dos primeiros sentimentos interindividuais de simpatia e antipatia. Posteriormente a criança vai desenvolvendo valores e interesses afetivos, que aos poucos adquirem uma estabilidade. Souza (2012b) aponta que Piaget ao estudar inteligência e afetividade afirma que “toda conduta possui um elemento energético (afetivo) e um elemento estrutural (intelectual) que se relacionam mutuamente e que possuem naturezas diferentes” (p. 145). Assim, o referido autor propõe que afetividade e inteligência são desenvolvidas em percursos correspondentes, e que toda conduta,

independente do momento do desenvolvimento, é simultaneamente afetiva e cognitiva, sem considerar que uma está submetida à outra; marcando assim a importância da motivação e dos interesses para o funcionamento da inteligência. Souza (2012b) aponta que para Piaget “os valores atribuídos às pessoas são o ponto de partida para os sentimentos” (p. 146). Desta forma, na compreensão do desenvolvimento da afetividade é necessário remeter-se aos valores, que indicam interesses e metas para ações, que fazem parte da manifestação de sentimentos pela criança.

A partir dos resultados relativos aos aspectos cognitivos e morais foi possível estabelecer no Quadro 17 a representação da intersecção de ambas as classificações, levando em consideração o resultado geral (aspectos cognitivo e moral) de cada criança.

<b>MORAL /COGNITIVO</b>	<b>FANTASIOSO</b>	<b>CONCRETO</b>	<b>INTERPRETATIVO</b>
<b>Anomia</b>	0	0	0
<b>Anomia/Heteronomia</b>	0	0	0
<b>Heteronomia</b>	0	17	4
<b>Heteronomia/autonomia</b>	0	1	2
<b>Autonomia</b>	0	0	0
<b>Total</b>	0	18	6

Quadro 17 - Intersecção das classificações moral e cognitiva

As intersecções observadas mostram que a maior parte das crianças (17), por meio da análise das respostas das mesmas em relação às ações dos personagens do conto, está classificada dentro do modo de reconstituição Concreto e ao mesmo tempo adotam um posicionamento predominantemente Heterônimo. Quatro crianças denotam modo de reconstituição Interpretativo e posicionamento Heterônimo, o que poderia indicar que predominam simultaneamente em seu

desenvolvimento a capacidade de interpretação, flexibilização do pensamento, e a manutenção de uma postura mais submetida às regras exteriores, seguidas sem questionamento. Duas crianças estão na transição Heteronomia/autonomia e reconstituem o conto de modo Interpretativo. E uma criança reconstitui o conto no modo Concreto e seu desenvolvimento moral encontra-se na transição II/III - Heteronomia/autonomia.

Assim, a análise das intersecções aponta que a maior parte das crianças que reconstituem o texto de maneira mais literal, mais livre de fantasias e interpretações são aquelas que tendem a adotar posicionamentos mais heterônomos ao julgar as ações dos personagens, demonstrando um apego às regras na íntegra, sem variações e com menos condições de analisar as situações de maneira mais flexível. Algumas (6) crianças foram classificadas dentro do modo de reconstituição Interpretativo que denota menor apego literal ao texto do conto e capacidade de captar nas entrelinhas e, em relação ao desenvolvimento moral um posicionamento heterônimo diante das atitudes dos personagens, ou seja, mais unilateral. Souza (2012b) aponta que “o universo moral encontra-se na intersecção entre o universo intelectual e o afetivo” (p. 148), e na análise de dados desta pesquisa percebeu-se que estudar aspectos cognitivos separado dos dados morais é uma tarefa difícil, já que desenvolvimento intelectual, afetivo e moral estão muito imbrincados.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em várias circunstâncias de nosso cotidiano somos impelidos a tomar decisões, a fornecer opiniões, a refletir, se uma ação é certa ou errada segundo

nosso raciocínio lógico, nossos julgamentos e nosso desenvolvimento moral, assim, reforça-se a importância de realizar investigações sobre os aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento humano (Piaget, 1996/1930).

A presente pesquisa encontrou referências nas classificações propostas por Souza (1990) tendo como propósito estudar a reconstituição de um conto de fadas por crianças, e os resultados revelaram que todos os participantes, independente da idade foram capazes de reconstituir o conto. Entretanto, é possível verificar que a estruturação da reconstituição apresenta diferenças, indicando um nível de desenvolvimento psicológico característico em cada idade, como por exemplo maior estruturação do pensamento das crianças mais velhas, em contraponto com uma estruturação mais simples das mais jovens, revelada pela reconstituição verbal do conto de fadas, indicando uma evolução ao longo das idades e confirmando a ideia de gênese de Piaget. Houve similaridade entre os resultados de Souza (1990) e os desta pesquisa, já que a maioria das crianças em ambas as investigações encontra-se classificada dentro do modo de reconstituição Concreto. Assim, puderam ser verificados na pesquisa atual a evolução do pensamento e dos fenômenos de linguagem no plano verbal ao longo das idades observados por Piaget (s.d./1947,1986/1923) e estudados por Souza (1990). Entre os fenômenos que foram reconhecidos e apresentados nas reconstituições das crianças estão a justaposição, o sincretismo, a transdução do pensamento, a capacidade mais interpretativa de compreensão, a capacidade de entender as entrelinhas, bem como, observou-se também uma evolução do discurso dos participantes que ocorreria do difuso ao mais preciso, conforme indicado no estudo de Garbarino (2012).

Encontrar o resultado de que a maioria das crianças apresenta respostas do tipo concreto trouxe reflexões à pesquisadora sobre a hipótese de que as crianças pesquisadas e classificadas dentro deste modo (Concreto) podem não ter “mergulhado” na fantasia que o conto de fadas promoveria, reconstituindo assim as respostas de forma muito literal, indicando pouco uso de fantasia e imaginação.

A interação das crianças pesquisadas com a apresentação do conto de fadas em meio multimídia, expondo-as simultaneamente a imagem, som e movimento, pareceu não ter gerado nenhum tipo de dificuldade para as mesmas que se mostraram interessadas pelo conto e também pela forma de transmissão.

Ainda que realizar estudos sobre o desenvolvimento moral das crianças seja uma tarefa desafiadora, por entender que abrange tanto aspectos cognitivos como afetivos, considera-se que esta pesquisa pode trazer contribuições à área do desenvolvimento humano por reforçar os pressupostos da psicologia genética Piagetiana, de que assim como ocorre para o aspecto cognitivo, há uma evolução ao longo das idades também em relação ao desenvolvimento moral. As crianças mais novas apresentam respostas que foram classificadas dentro da dimensão Anomia/heteronomia e as crianças mais velhas revelaram respostas que estavam mais próximas da categoria Heteronomia/autonomia. Ao avaliar as dimensões morais das crianças por meio do julgamento das mesmas em relação à ação dos personagens do conto, nota-se que as crianças tendem a caminhar em seu desenvolvimento moral de uma condição mais heterônoma para uma qualidade de julgamento mais autônomo. Em seus importantes estudos Piaget (1994/1924) propõe como ocorreria esse desenvolvimento moral ao longo de nossa vida, e

indica que desde muito cedo têm-se início a construção das noções morais na criança.

A predominância simultânea do tipo de reconstituição Concreto e da Heteronomia nas respostas da maioria das crianças pesquisadas, representada pela intersecção dos dados, evidencia que as crianças estudadas vivenciam um momento do desenvolvimento onde a coação do adulto e a submissão às regras exteriores, seguidas sem questionamento ainda predomina, bem como avaliam as cenas e situações do conto de forma mais literal e concreta, não enviesando para uma conotação mais ligada à fantasia, nem tampouco revelando condições ou vontade de fazer uma leitura mais interpretativa, que ultrapassa um pouco o aspecto concreto da situação vivida pelo personagem. A expectativa/ideia inicial/hipótese de que as crianças mais jovens apresentassem reconstituição do tipo Fantasiado e as mais velhas tivessem suas respostas classificadas como Interpretativas não ocorreu, podendo estar relacionada ao método de análise utilizado que avaliou cada resposta de cada criança a cada pergunta separadamente.

É bastante desafiador propor estudar o desenvolvimento moral de maneira a identificar nas respostas dos participantes, características que permitam realizar um dimensionamento moral, visto que desde as primeiras descobertas Piagetianas sobre a moralidade, esta área tem sido fruto constante de interesse e estudo, podendo-se afirmar que tais investigações estão em *desenvolvimento*.

Os resultados trazidos pela presente investigação demonstram ser relevante continuar realizando pesquisas sobre desenvolvimento cognitivo e moral visando

contribuir para ampliar os estudos que enfatizam a relação entre desenvolvimento cognitivo e afetivo, desenvolver investigações sobre os variados aspectos e dimensões do desenvolvimento moral de crianças ao longo das idades. A inclusão de crianças mais jovens (4 e 5 anos de idade) e também de idades não pesquisadas neste trabalho, bem como o estudo do desenvolvimento moral por meio da análise das virtudes de cada personagem e de um aprimoramento da utilização do método clínico piagetiano mostram-se como possibilidade em futuras pesquisas.

Desde muito cedo, na minha infância, e mais uma vez neste trabalho de pesquisa fui capturada pelos aspectos lúdicos, de imaginação e de fantasia presentes nos contos de fadas, e a decisão pela escolha destes como uma ferramenta de pesquisa foi imediata. Os contos apresentam-se como um instrumento que explora variadas questões relevantes para o ser humano. Eles falam à criança na linguagem de símbolos, assim, o conteúdo das histórias pode oferecer a possibilidade de reconhecer por exemplo que a “luta contra dificuldades graves na vida é inevitável” (Betelheim, 1980, p. 6), bem como “desenvolver nossos recursos interiores, de modo que nossas emoções, imaginação e intelecto se ajudem e se enriqueçam mutuamente” (Betelheim, 1980, p. 4).

Por fim a presença da dualidade, bem e mal, nas atitudes dos personagens dos contos de fadas coloca o problema moral requisitando o leitor criança a encontrar soluções que terão importância ao longo de seu desenvolvimento e da constituição de seu comportamento moral. Os personagens dos contos, de alguma maneira, reproduzem comportamentos da vida real, ora apresentando atitudes boas, ora más, o que pode levar a criança a refletir sobre a ambiguidade do ser humano. Os contos de fadas tendem a trazer implicitamente à criança uma

educação moral que de modo sutil auxilia-a no entendimento e compreensão das vantagens do comportamento moral, por meio de conteúdos perpassados por uma linguagem lúdica e de imaginação, sendo representativos e significativos para ela (Betelheim, 1980).

## 5. REFERÊNCIAS

- Aspesi, C. C, Dessen, M. A. & Chagas, J. F. (2005) A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In M. A. Dessen, & A. L. Costa Junior (Org.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras (Org.)*. (19-36). Porto Alegre: Artmed.
- Bennett, W. J. (1995) *O livro das virtudes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.  
Originalmente publicado em 1993 por Simon & Schuster, New York. The book of virtues: a treasury of great moral stories.
- Betelheim, B. (1980) *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Bock, A. M. B., Furtado, O. e Teixeira, M. L. T. (2008) *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva.
- Cacciolari, N. A. & Matsuda, A, A. (2010). A importância da contação de histórias para o futuro da leitura literária no século XXI: cibercultura, literatura, escola e novas tecnologias - uma ponte necessária. *Diálogo e Interação*, 2. Acessado em: 01 jul. 2014, do <http://www.faccrei.edu.br/dialogoeinteracao>.
- Carraher, T. N. (1998) *O método clínico: usando os exames de Piaget*. São Paulo: Cortez, 5 ed.



- Carramilo-Going, L. e Tardelli, D. D. (2003) Julgamentos de crianças sobre punições em desenhos animados da TV [Versão eletrônica] *NUANCES: estudos sobre educação* – ano IX (09), n. 9/10, jan./jun. e jul./dez., 87-100.
- Carretero, M. e Castorina, J. A. (2014) *Desenvolvimento cognitivo e educação: processos do conhecimento e conteúdos específicos*. Porto Alegre: Penso, v. 2.
- Chocolapps SAS, © Chocolapps, (2011-2012). *João e Maria HD – Descoberta* (Versão 4.6) [App para iPad e iPhone]. Disponível em iTunes
- Coelho, N. N. (1985) *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. São Paulo: Edições Quíron, 3 ed.
- Coelho, N. N. (1991) *O conto de fadas*. São Paulo: Editora Ática S.A., 2 ed.
- Cosenza, R. M. e Guerra, L. B. (2011) *Neurociência e educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre: Artmed.
- Delval, J. (1994) *El desarrollo humano*, Madrid: ©Siglo XXI editora S.A., 1 ed.
- Delval, J. (2002) *Introdução à prática do método clínico: Descobrendo o pensamento das crianças*. Porto Alegre: Artmed.
- Dessen, M. A. & Guedea, M. T. D. A. (2005) A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. *Paidéia – Cadernos de psicologia e Educação*, 15(30). 11-20.
- Flick, U. (2009) *Introdução à pesquisa qualitativa*, Porto Alegre: Artmed, 3 ed.
- Garbarino, M. I. (2012) *Crenças sobre a origem dos bebês em crianças de 4 a 9 anos: Uma abordagem a partir da psicogênese piagetiana e da psicanálise*

- freudiana*. (Tese de Doutorado), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lanzi, L. A. C. Bortolin, S., Ferneda, E. e Vidotti, S. A. B.G. (2013) O uso da voz e do *tablet* em narrativas de histórias, *Informação & Informação*, 18, n. 2, 98-12.
- La Taille, Y. (1992). Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In Y. La Taille, M. K. Oliveira & H. Dantas. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão* (pp. 47-73). São Paulo: Summus.
- La Taille, Y. (2004) A Importância da Generosidade no Início da Gênese da Moralidade na Criança [Versão eletrônica]. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 19 (1), 09-17.
- La Taille, Y. (2006) Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed.
- Lévy, P. (1993) *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34 Ltda. Originalmente publicado em 1956 pela ©Éditions La Découverte, Paris. Les Technologies de l'intelligence.
- Montangero, J, & Maurice-Naville, D. (1998) *Piaget ou a inteligência em evolução*. Porto Alegre: Artmed.
- Palácios, J. (2004) Psicologia evolutiva: conceito, enfoques, controvérsias e métodos. In *Desenvolvimento psicológico e educação*, v. 1, C. Coll, A. Marchesi e J. Palácios (Org.). (pp. 13-52). Porto Alegre: Artmed.

- Papalia, D. E. e Feldman, R. D. (2013) *Desenvolvimento Humano*, Porto Alegre: AMGH Editora.
- Peçanha, D. L. (2007) Oficinas Literárias com Crianças em Risco Psicossocial, *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 27, nº 1/07, 83-94.
- Piaget, J. (s.d.) *O raciocínio na criança*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A. Originalmente publicado em 1947 pela Editions Delachaux & Niestlé, Neuchâtel e Paris. Le jugement et le raisonnement chez l'enfant.
- Piaget, J. (1975) *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Piaget, J. (1986) *A linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Martins Fontes. Originalmente publicado em 1923 pela Delachaux ey Niestlé, Neuchâtel. Le langage et la pensée chez l'enfant.
- Piaget, J. (1994) *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus Editorial. Originalmente publicado em 1924 pela Press Universitaires de France. Le jugement moral chez l'enfant.
- Piaget, J. (2005) *A representação do mundo na criança*. Aparecida, SP: Ideias&Letras. Originalmente publicado em 1926 pela Press Universitaires de France. La representation du monde chez l'enfant.
- Piaget, J. (2010) *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Originalmente publicado em 1964 pela Éditions Gonthier S. A. Genève. Six études de psychologie.

- Piaget, J. (2014) Organização: Saltini, C. J. P. e Cavenaghi, D. B. *Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança*. Rio de Janeiro: Editora Wak. Originalmente publicado em 1953 pelo Centro de documentação universitária, Paris.
- Piaget, J, & Inhelder, B. (1978) *A Psicologia da criança*. São Paulo: Difusão Editorial.
- Rodrigues, M. E. A. (2010). *Quem conta um conto... os contos de fadas e as narrativas das crianças de uma creche de Presidente Prudente/SP*. (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, São Paulo.
- Sampieri, R. H, Collado, C. F, e Lucio, P. B, (2006). *Metodologia de pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Souza, M.T.C.C. (1990). *Versões de um conto de fadas em crianças de 9 a 11 anos: Aspectos afetivos e cognitivos*. (Tese de Doutorado), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Souza, M. T. C. C. (2001). Desenvolvimento cognitivo e reconstituição de contos de fadas. *Boletim de Psicologia (Impr.)*, L(113), 1-19.
- Souza, M. T. C. C. (2005). Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano [Versão eletrônica]. *Boletim de Psicologia*, LV(123), 205-232.

- Souza, M. T. C. C. (2012a). Simbolismos infantis e a mágica dos contos: uma compreensão piagetiana [Versão eletrônica]. *Temas em Psicologia* (Ribeirão Preto), 20, 327-335.
- Souza, M. T. C. C. (2012b). Afetividade segundo Piaget: contribuições para a psicologia do desenvolvimento. In C. B. Rossetti & A. C. Ortega (Org.). *Cognição, afetividade e moralidade: estudos segundo o referencial teórico de Jean Piaget*. (pp. 137-154). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, M. T. C. C., Folquitto, C. T. F., Oliveira, M. P., & Natalo, S. P. (2008). Julgamento sobre ações e sentimentos em interpretações de histórias: uma abordagem piagetiana. *Psico-USF*, 13 (2), 265-276.
- Tatar, M. (2004). *Contos de fadas: edição comentada e ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Originalmente publicado em 2002 pela W. W. Norton de Nova York, EUA. The annotated classic fairy tales.

## APÊNDICES

### Apêndice A - Entrevista sobre compreensão do conto de fadas João e Maria.

1. Você compreendeu bem a história?
2. Você poderia contar a história que você ouviu para mim?
3. O que a **madrasta** fez com as crianças? O que você acha disso? Você acha isso certo ou errado? Por que?
4. O que o **pai** fez quando a madrasta deu a ideia de deixar as crianças na floresta? O que você acha disso? Você acha isso certo ou errado? Por que?
5. O que **João e Maria** fizeram quando encontraram a casa de doces? O que você acha disso? Você acha isso certo ou errado? Por que?
6. O que aconteceu depois que as crianças entraram na casa da de doces? O que você acha disso? Você acha isso certo ou errado? Por que?
7. O que acontece quando a bruxa pede para **Maria** ver se o forno está quente? O que você acha disso? Você acha isso certo ou errado? Por que?
8. O que aconteceu depois que **João** conseguiu ser libertado da jaula? O que você acha disso? Você acha isso certo ou errado? Por que?

## **Apêndice B – Transcrição conto de fadas João e Maria (versão para *tablet* usada na pesquisa)**

### Cap. I - Uma família muito modesta

Era uma vez um lenhador muito pobre que vivia em uma pequena cabana na floresta com seus dois filhos e sua nova esposa.

Naquela época, uma terrível fome assolava o país. Até mesmo pão era difícil de achar. Com muita frequência, havia tão pouca comida em casa que a família toda passava fome. E, quando eles tinham comida, o bondoso lenhador deixava que seus filhos comessem antes dele próprio e de sua esposa.

Uma noite, acreditando que as crianças estivessem dormindo, e pensando apenas em seu estômago faminto, a esposa do lenhador conseguiu convencê-lo de que era melhor abandonar as crianças. “Deixe-as na floresta... elas logo vão encontrar outra família que as adotará!”, ela disse. “Então elas poderão comer bem. Nós lhe daremos pão para que se alimentem até encontrar abrigo, e deixaremos uma fogueira para que passem a noite.”

Fingindo estarem dormindo sob os cobertores, as duas crianças sofriam juntas. Maria, a pequena, chorou ao ouvir as palavras maldosas de sua madrasta. “João, o que vai acontecer conosco?”, ela perguntou tristemente para seu irmão mais velho. Ele colocou seu dedo indicador na boca para silenciá-la. Ele fez o que pôde para reconfortá-la dizendo: “Não chore, irmãzinha. Eu farei de tudo para que não nos percamos...”

### Cap. II – Os seixos de João

Mais tarde, naquela noite, após todos terem ido dormir, João saiu de sua cama, andou pelo cômodo que compartilhavam e saiu silenciosamente da casa.

À luz da lua, João deu uns passinhos silenciosos lá fora e recolheu um punhado de seixos. Ele os colocou no bolso e depois entrou de novo na casa. Sem fazer nenhum barulho, João voltou a sua cama, perto de sua irmãzinha.

Bem cedinho, na manhã seguinte, o lenhador e sua esposa sugeriram que todos dessem uma volta na floresta para pegar maçãs para a próxima refeição. A família toda entrou na floresta, que ainda estava sombria e ameaçadora. Tendo muito cuidado para não ser notado, João ficou alguns passos atrás do resto deles, cuidadosamente jogando no chão os seixos que tinha pegado na noite anterior.

Quando tinham adentrado a floresta, o lenhador e sua esposa decidiram parar para descansar. O lenhador acendeu uma fogueira para aquecer as crianças. Sua esposa lhes deu pão e disse: “Descansem um pouco. Seu pai e eu vamos continuar a coletar frutas, e voltaremos para pegá-los depois.” João segurou a mão de sua irmãzinha tanto para esquentá-la quanto para tranquilizá-la, enquanto o lenhador e sua esposa foram embora sem nem olhar para trás.

Deixados sozinhos, não demorou muito para que João e Maria percebessem que aquilo era o fim da linha e que o lenhador e sua esposa não voltariam para buscá-los.

Tremendo de medo e se aninhando um ao outro em frente ao fogo crepitante, eles comeram todo o pão que a madrasta tinha lhes deixado. Exaustos pela longa caminhada que tinham feito, as crianças dormiram rapidamente, e só acordara quando a noite já tinha chegado.



Ao se levantar, Maria disse para seu irmão: “Estamos perdidos... nunca vamos encontrar o caminho!” “Não se preocupe... eu tenho tudo planejado”, respondeu João. O garoto apontou para a trilha de seixos que ele tinha deixado no dia anterior. Eles brilhavam no escuro, refletindo a luz do luar.

Graças a isso, as duas crianças não poderiam errar, e conseguiram refazer o caminho e voltar para casa.

Maria, temendo a reação de sua madrasta maligna, ficou atrás do irmão mais velho enquanto ele batia na porta.

Foi o lenhador quem a abriu. Ele estava devastado pela culpa e vergonha de tê-los abandonado, e os abraçou com força por muito tempo de tão aliviado que estava em vê-los de volta. A esposa, que estava os observando à distância, estava furiosa por seu plano não ter funcionado.

### Cap. III – Perdidos na floresta

No jantar daquela noite, a esposa aproveitou que as crianças estavam dormindo para falar com o marido sobre elas. “Não hesite!”, ela disse. “Todos comemos bem hoje à noite, mas o que vai acontecer amanhã quando não tivermos mais comida?” Ela se levantou e trancou a porta da frente com uma chave para evitar que João saísse da casa novamente.

“Não chore, Maria! Eu tenho outra ideia”, disse João para sua irmã que tanto amava.

No dia seguinte, as crianças seguiram o lenhador e sua esposa novamente para a floresta. João deu um sorriso para a irmã assustada, e pegou um pequeno pedaço de pão que ele tinha guardado da noite anterior em seu bolso.

Ele o esmagou em pequenos pedaços, e os espalhou enquanto seguia o caminho, assim como tinha feito com os seixos. “Assim não ficaremos perdidos”, ele pensava.

Assim como no dia anterior, a família parou no meio da floresta e o lenhador acendeu uma fogueira sob o olhar atento da esposa. Então, ele e sua esposa partiram mais uma vez, ele agora com um coração pesado e sem nem olhar para trás. Logo depois, João e Maria tentaram refazer o caminho de volta procurando pelos pedaços de pão que permitiram a eles voltarem para casa. Infelizmente, os pássaros tinham comido tudo, e dessa vez as crianças estavam perdidas de verdade...

“O que vamos fazer? Agora estamos perdidos mesmo. Como vamos encontrar nossa casa novamente?” perguntou Maria soluçando.

João, que não tinha a mínima ideia de onde estavam, e não querendo alarmar sua irmã ainda mais, indicou um caminho na floresta e fingiu que aquele era o caminho para casa.

Eles começaram a andar seguindo o caminho, e logo se embrenharam ainda mais e mais na floresta.

Cap IV – Uma bruxa muito gananciosa

As crianças acabaram por chegar a uma pequena casa escondida no meio da floresta. Mas esta não era a sua casa, pois era muito diferente de qualquer coisa que eles já tinham visto. Em choque, eles descobriram que as paredes eram feitas de pão de mel, o telhado era feito de alcaçuz e as janelas, de açúcar... que incrível!

João ajudou sua irmã a subir, e ambos começaram a comer a casa com gosto. Deliciosa!

Seu banquete inesquecível foi interrompido pelo som de uma voz abafada: “Quem está comendo minha casa?” As crianças engasgaram e responderam: “É o vento, o vento, o vento forte!”

Uma velha senhora abriu a porta da pequena casa, e os convidou a entrar. “Entrem, crianças, e comam o que quiserem!”, ela disse, esfregando as mãos de forma sinistra enquanto João e Maria estavam na casa.

No dia seguinte, Maria acordou e encontrou seu irmão trancado em uma jaula. A velhota, que usava óculos espessos, disse: “Você, pequena, agora será minha escrava, e vai me ajudar a engordar o seu irmão! E, quando ele estiver bem gordinho, eu vou comê-lo!”

Ela era na verdade uma bruxa que atraía crianças para a sua casa feita de doces, para poder devorá-las.

Toda manhã, a bruxa ia até a jaula onde João estava aprisionado. Ela colocava a mão entre as barras para apalpá-lo. João queria ganhar tempo com a bruxa, que planejava comê-lo, e, tirando vantagem da miopia da velha senhora, ele segurava um osso que tinha encontrado em vez de lhe dar o braço.

Ela ficava surpresa em ver como ele seguia magro, considerando que ela o alimentava bem já há algum tempo. Ela começou a perder a paciência.

Finalmente tinha chegado a hora de comer João! A bruxa chamou Maria dizendo: “Entre no forno e me diga se está quente o suficiente.”

Mas Maria era esperta e fingiu ser muito pequena para alcançá-lo. A bruxa ficou furiosa e disse: “Oh, você não serve para nada!”, e então subiu no forno ela mesma para verificar. Maria a empurrou para dentro, e trancou a porta.

#### Cap. V – A volta ao lar

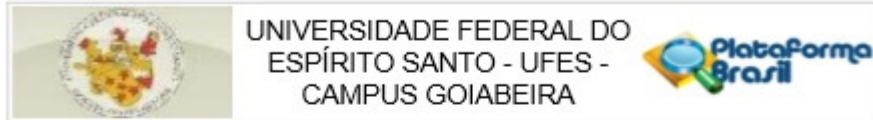
Imediatamente após se livrarem da bruxa malvada, Maria não perdeu tempo em libertar seu irmão da jaula. João sabia onde a velha guardava seus pertences. Sob o olhar atônito de sua irmã, ele pegou uma velha cadeira e retirou uma grande bolsa de ouro que estava escondida embaixo dela. Determinado a escapar o mais rápido possível, ele pegou a irmã pela mão e eles fugiram da casa.

Livres das garras da bruxa horrenda, as duas crianças correram pela floresta. Eles logo chegaram em um rio, mas não encontraram nenhuma ponte para atravessá-lo. Maria viu um grande pato branco e perguntou educadamente: “Você poderia nos ajudar a atravessar o rio para que possamos chegar em casa?” O animal balançou a cabeça e as crianças subiram em suas costas, e finalmente chegaram ao outro lado.

À distância, eles viram sua casa. João olhou para a assustada Maria, e sorriu. Ele bateu na porta. Seu pai abriu, e, cheio de felicidade, os abraçou com força. Ele se desculpou por ter escutado a esposa, e por tê-los abandonado. Nada jamais poderia separar o lenhador de suas crianças novamente, agora que sua

esposa tinha partido. Ricos com o ouro que pegaram da velha bruxa, todos eles viveram felizes para sempre e nunca mais passaram fome.

## Apêndice C – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Investigação sobre aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil por meio de um conto de fadas: um estudo a partir do referencial piagetiano

**Pesquisador:** Silvia Lorenzoni Perim

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 33601614.5.0000.5542

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

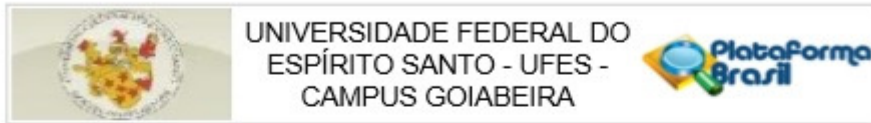
**Número do Parecer:** 865.829

**Data da Relatoria:** 29/08/2014

#### Apresentação do Projeto:

Os estudos sobre o desenvolvimento infantil em seus aspectos cognitivos, afetivos e morais revelam-se recorrentes nas pesquisas com crianças. A perspectiva da epistemologia genética de Jean Piaget pressupõe que haja uma evolução de tais aspectos ao longo do desenvolvimento das crianças. O conto de fadas mostra-se uma ferramenta interessante de investigação com crianças por despertar interesse nas mesmas, que se identificam e são capazes de se posicionar em relação ao conteúdo da história. Tal ferramenta caracteriza-se como maneira de acessar as representações e explicações da realidade que a criança possui, viabilizando o objetivo de buscar encontrar diferenças nas ideias das crianças de diferentes idades. A presente pesquisa tem como objetivo estudar aspectos do desenvolvimento cognitivo e moral de crianças por meio de um conto de fadas. Os participantes serão 24 meninos e meninas de 6/7 e 10/11 anos de idade que após terem acesso ao conto de fadas "João e Maria" em versão multimídia, serão solicitados a reconstituir o conto e responderão a uma entrevista clínica. A ideia de empregar o conto de fadas como uma ferramenta de estudo do desenvolvimento infantil mostra-se bastante interessante e válida, uma vez que as respostas oferecidas pelas crianças expressam bem sua maneira de raciocínio, denotam sua organização mental e as ideias que têm do mundo. Espera-se, dessa maneira, dar continuidade às pesquisas que utilizam contos de fadas, que se confirmam como ferramentas

**Endereço:** Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN  
**Bairro:** Goiabeiras **CEP:** 29.090-075  
**UF:** ES **Município:** VITÓRIA  
**Telefone:** (27)4009-7840 **E-mail:** thiago.morres@ufes.br



Continuação do Parecer: 005.029

lúdicas e atrativas para a investigação científica com crianças. Todas as informações necessárias para o julgamento ético e elaboração desse parecer estão presentes.

**Objetivo da Pesquisa:**

O objetivo do presente trabalho é estudar aspectos do desenvolvimento cognitivo e moral de crianças por meio do conto de fadas "João e Maria" apresentado em contexto multimídia.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Pesquisa de caráter qualitativo e sem exposição das crianças a situações que envolvem quaisquer tipo de risco.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa está bem delineada teórica-metodologicamente. Ela é relevante e não apresenta quaisquer tipo de risco. Consta agora os direitos de participação (desistir a qualquer momento) e o endereço do CEP.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O termo de consentimento livre e esclarecido foi ajustado atendendo as demandas colocadas por este Comitê de Ética.

**Recomendações:**

Não há pendências.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não apresenta pendências.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

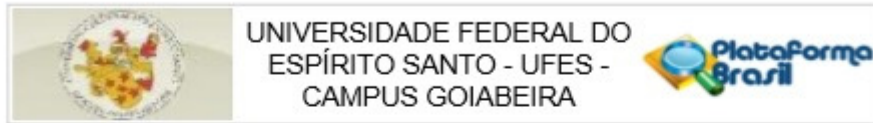
**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Projeto aprovado por esse comitê, estando autorizado a ser iniciado.

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do COHN  
 Bairro: Goiabeiras CEP: 29.090-075  
 UF: ES Município: VITORIA  
 Telefone: (27)4009-7840 E-mail: thiago.morais@ufes.br



Continuação do Parecer: 005.629

VITÓRIA, 11 de Novembro de 2014

---

Assinado por:  
**KALLINE PEREIRA AROEIRA**  
(Coordenador)

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do COHN  
Bairro: Golubeiras CEP: 29.090-075  
UF: ES Município: VITÓRIA  
Telefone: (27)4009-7840 E-mail: thiago.morais@ufes.br



## Apêndice D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a direção da Escola

Prezado Sr.(a) \_\_\_\_\_ Diretor(a) da Escola \_\_\_\_\_.  
Eu, Silvia Lorenzoni Perim, aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), pretendo, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Broetto Rossetti, realizar a pesquisa do meu projeto de dissertação “Investigação sobre aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil por meio de um conto de fadas: um estudo a partir do referencial piagetiano”.

A pesquisa tem como objetivo principal estudar aspectos do desenvolvimento cognitivo e moral de crianças (meninos e meninas) de 6/7 e 10/11 anos de idade por meio do conto de fadas “João e Maria” apresentado em contexto multimídia.

Seguindo a disponibilidade oferecida pela escola, serão marcados dias para a realização da coleta de dados.

Os dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho, incluindo apresentação em eventos científicos e publicação em revistas especializadas. Os resultados da pesquisa serão apresentados à escola após sua análise e conclusão. Os procedimentos em questão não envolvem riscos e não ferem a integridade moral das crianças.

A participação nesse estudo não acarretará nenhum prejuízo ou benefício terapêutico.

Sendo assim, eu, Silvia Lorenzoni Perim, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, solicito a autorização para a realização da pesquisa nesta instituição.

\_\_\_\_\_  
Silvia Lorenzoni Perim  
Pesquisadora responsável

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Broetto Rossetti  
Orientadora/Professora da UFES

Eu, \_\_\_\_\_, diretor (a) da Escola \_\_\_\_\_, ciente do projeto a ser realizado, obtive total esclarecimento acerca dos procedimentos que serão realizados nas crianças a serem observadas e, portanto, autorizo a realização da pesquisa, sem restrições.  
Vitória/ES, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Diretor escolar

## **Apêndice E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis legais**

**Título:** “Investigação de aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil por meio de um conto de fadas: um estudo a partir do referencial piagetiano”.

**Pesquisadora responsável:** Silvia Lorenzoni Perim

**Professor Orientador:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Broetto Rossetti

**Instituição:** UFES – Universidade Federal do Espírito Santo/PPGP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Seu filho está sendo convidado a participar desta pesquisa, que tem como objetivo principal estudar aspectos do desenvolvimento cognitivo e moral de crianças (meninos e meninas) de 6/7 e 10/11 anos de idade por meio do conto de fadas “João e Maria” apresentado em um *tablet*. Esta pesquisa está sob a responsabilidade de Silvia Lorenzoni Perim, aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Broetto Rossetti.

Assinando esse Termo de Consentimento você está ciente que o seu filho participará de uma pesquisa com os objetivos citados anteriormente.

Com a presente pesquisa espera-se poder contribuir para ampliar os estudos sobre desenvolvimento cognitivo e moral na perspectiva piagetiana utilizando contos de fadas.

A coleta de dados será realizada individualmente com o aluno em uma data específica a ser combinada de acordo com a disponibilidade dos mesmos, da escola e da pesquisadora. Cada participante precisará estar presente somente no dia marcado para a realização da coleta de dados individual. Os participantes realizarão as atividades na seguinte ordem: primeiro terão acesso ao conto de fadas João e Maria em contexto multimídia por meio de um *tablet*. Em seguida, responderão a perguntas relacionadas ao conteúdo do conto de fadas. A coleta de dados terá uma duração média de 30 minutos e as respostas das crianças serão gravadas em áudio digital.

Os dados pessoais dos participantes serão mantidos em sigilo e os resultados da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho, incluindo apresentação em eventos científicos e publicação em revistas especializadas. Os procedimentos em questão não envolvem riscos conhecidos e não ferem a integridade moral dos sujeitos. A participação nesse estudo não acarretará nenhum prejuízo ou benefício terapêutico. Havendo interesse ou necessidade você pode interromper a participação de seu filho antes, durante ou ao término do procedimento, sem que, com isso, sofra algum ônus.

Você obteve todas as informações necessárias para poder decidir sobre a participação de seu filho(a) na referida pesquisa. Esclarecimentos adicionais podem ser obtidos diretamente com a pesquisadora no telefone (27) 999738810 ou via e-mail [silperim@hotmail.com](mailto:silperim@hotmail.com). Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comitê de ética em pesquisa com seres humanos, UFES/Campus Goiabeiras-Pró-Reitoria de Pesquisa

e Pós-Graduação - Campus Universitário de Goiabeiras, situado na Av. Fernando Ferrari, s/n, Vitória - ES, 29060-970, pelo telefone (27) 4009-7840 ou pelo e-mail [cep.goiabeiras@gmail.com](mailto:cep.goiabeiras@gmail.com). Essa pesquisa tem a autorização da direção da Escola \_\_\_\_\_ . Este termo é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá com você e a outra com a pesquisadora responsável.

Dados da Criança	
Nome:	
Data de Nascimento:	
Idade:	
Sexo: F ( )	M ( )

Dados do Responsável	
Nome:	
Idade:	Grau de Parentesco:
RG:	
Telefone:	

Concordo \_\_\_\_\_ voluntariamente \_\_\_\_\_ que \_\_\_\_\_ possa participar desse estudo, e entendo que poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos.

Vitória/ES, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Responsável pelo participante

\_\_\_\_\_  
Silvia Lorenzoni Perim

Pesquisadora responsável - (27) 99973-8810

## **Apêndice F - Termo de assentimento para ser explicado às crianças**

**Pesquisadoras responsáveis:** Silvia Lorenzoni Perim (mestranda do PPGP), Dr<sup>a</sup>.  
Claudia Broetto Rossetti (professora do PPGP).

**Telefones para contato:** (27) 9 9973-8810 (pesquisadora Silvia Lorenzoni Perim);  
(27) 4009-2501 (PPGP); (27) 4009-7840 (Comitê de Ética em Pesquisa – CEP -  
Goiabeiras, e-mail: [cep.goiabeiras@gmail.com](mailto:cep.goiabeiras@gmail.com))

### **Informações sobre o participante:**

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Este documento servirá de base para explicar aos participantes de 6/7 anos os detalhes da participação na pesquisa intitulada “Investigação sobre aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil por meio de um conto de fadas: um estudo a partir do referencial piagetiano”.

Assim, comprometo-me como pesquisadora a esclarecer às crianças participantes o objetivo e os possíveis benefícios da pesquisa em questão, a manutenção do completo sigilo das informações coletadas e a ausência de riscos para os participantes. Empenhar-me-ei ainda em dar ciência às crianças da liberdade e do direito de poder desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou risco de sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos, garantindo o assentimento das mesmas, e informando a elas que serão respeitados todos os direitos garantidos na resolução 466/2012. Assim, todas as providências serão tomadas para assegurar que as crianças participantes estejam esclarecidas sobre sua participação

<p><b>Comprometo-me com o cumprimento do teor deste documento sobre a realização da pesquisa em questão, conforme os termos nele estipulados.</b></p> <p>_____</p> <p>Pesquisadora Responsável</p>
--

Vitória, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

## **Apêndice Digital – Transcrição das entrevistas na íntegra**